FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
MESTRADO PROFISSIONAL

THIAGO BALDUINO CALDEIRA

A FILOSOFIA ESTÉTICA NO LIVRO DE ECLESIASTES

Vitória – ES
2015

THIAGO BALDUINO CALDEIRA

A FILOSOFIA ESTÉTICA NO LIVRO DE ECLESIASTES

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória.
Orientador: Prof. Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero

Vitória – ES
2015

Caldeira, Thiago Balduino
A filosofia estética no livro de Eclesiastes / Thiago Balduino Caldeira. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.
ix, 65 f. ; 31 cm.
Orientador: Júlio Paulo Tavares Zabatiero
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.
Referências bibliográficas: f. 62-65
1. Ciências das religiões. 2. Filosofia. 3. Estética. 4. Eclesiastes. 5. Ética. - Tese. I. Thiago Balduino Caldeira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. Ill. Título.

THIAGO BALDUINO CALDEIRA

A FILOSOFIA ESTÉTICA NO LIVRO DE ECLESIASTES

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA (presidente)

Doutor Julio Paulo Tavares Zabatiero – UNIDA (orientador)

Drnd. Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA

Não faz isso, Lilica, que é feio!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha linda esposa, Flavinha, que esteve comigo no processo desde o começo do curso de mestrado, apoiando meus estudos, suportando os dias de distância e colocando um coração amável mediante as tempestades que passamos.

Agradeço à minha família, especialmente meus pais, Sônia e Gilberto, que sempre vibraram e me apoiaram em minhas conquistas. Minhas conquistas são suas conquistas e essa é a beleza da vida: ela se eterniza nas gerações. Aos Balduinos, Caldeiras, Lopes, Teixeiras e Brasil, que sempre me motivaram.

Agradeço aos insights filosóficos e visão de vida que algumas pessoas motivam e inspiram em minha vida como Pr. Hildebrando Cerqueira, Pr. Felipe Seabra, Filipe Pucci, Carlo Tursi e Pr. Carlos Queiroz. Toda conversa com vocês, mesmo sobre amenidades, me inspiram grandemente!

Agradeço ao apoio, orientação, inteligência e amizade de alguns colegas de turma: Sergio Gil, Fanuel, Joabe e Lucas. Nosso tempo em Vitória e Vila Velha foram momentos de muita alegria e brincadeiras que ficarão para sempre marcados.

Agradeço aos professores notáveis da Faculdade Unida, especialmente Dr. Osvaldo Luis Ribeiro que vive a “se jogar em muros de vidro, e arrancar os cacos de sua pele”; Abdruschin Rocha com sua serenidade que inspira sabedoria; e José Bittencourt Filho que em três aulas inspirou meu pensamento e prática que alguns professores poderiam levar uma vida toda para conseguir.

Cada grupo acima levou apenas um parágrafo de agradecimento, mas tenham certeza que esses parágrafos valem livros e livros de agradecimento e consideração impressos em meu coração.

“Vi mais debaixo do sol
que no lugar do juízo havia impiedade,
e no lugar da justiça havia iniqüidade.

Eclesiastes 3,16

RESUMO

CALDEIRA, Thiago Balduino. *A filosofia estética no livro de Eclesiastes*. 2015. 65 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências das Religiões) Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo, 2015.

Na presente pesquisa busca-se fazer uma leitura do livro de Eclesiastes através das lentes da Filosofia Estética procurando pontos de contato que o texto tem com as premissas desse campo de estudo tão amplo e abrangente. Por Filosofia Estética não se compreende apenas a ciência do Belo e das Artes, mas todo o campo do conhecimento humano que é feito do saber sensível e do conceitual. O livro de Eclesiastes tem sua forma filosófica e crítica de perceber a vida, sua forma estética de senti-la, sua metodologia busca caminhos para elucidar a realidade em que vivemos hoje, fornecendo novos paradigmas para a vivência em sociedade, vivência religiosa, ética e estética, comprometida com valores morais e com uma busca por significados religiosos mais coerentes com as realidades vividas e sentidas. Perceber os pontos de contato da Filosofia Estética com Eclesiastes representa mais que meramente levantar conceitos e comparações, mas propor uma reflexão também crítica do conhecer e do fazer religioso. Serão elucidados não só as formas literárias - a estética textual de Eclesiastes -, mas seus conceitos mais profundos e percepções estéticas que visam a experiência, o pensar e o agir, abrindo caminho para a moralidade do homem.

Palavras-chave: Filosofia, Estética, Eclesiastes, Ética

ABSTRACT

The present study seeks the reading of Ecclesiastes through the lens of Aesthetic Philosophy, looking for points of contact the text has with the premises of that wide and broad field of study. For Philosophy Aesthetics not only envolves the science of Beauty and Arts, but the whole field of human knowledge that is made of sensuous and conceptual knowledge. The book of Ecclesiastes has its philosophical and critical way of perceiving life, his aesthetic way to feel it, its methodology seeks ways to elucidate the reality we live in today, providing new paradigms for society living, religious experience and ethics, committed to moral values and in search for more coherent religious meanings with the realities felt and lived. Understand the Aesthetics Philosophy and reach its contact points in Ecclesiastes is more than just raise concepts and comparisons, but also propose a critical reflection of the religious understand and practice. Not only the literary forms - the textual aesthetics of Ecclesiastes – but this work will seek the deeper concepts and aesthetic perceptions through feeling, thinking and acting, opening paths to morality.

Keywords: Philosophy, Aesthetics, Ecclesiastes, Ethics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTÉTICA 16

1.1 Estética em Baumgarten 17
1.2 Estética em Kant 20
1.3 Estética em Hegel (conciliação entre sensível e conceito) 25
1.4 Estética geral (outros autores que elucidam a percepção estética) 30
1.5 Síntese crítica do conceito de estética 33

2. ELEMENTOS ESTÉTICOS EM ECLESIASTES 35

2.1 A estética da linguagem de Eclesiastes 36
2.1.1 prosa e poesia em Eclesiastes 39
2.2 Conceitos estéticos no discurso de Eclesiastes 46
2.3 Síntese crítica dos conceitos estéticos no Discurso de Eclesiastes 59

CONCLUSÃO 60

REFERÊNCIAS 62

INTRODUÇÃO

É curioso perceber como o livro de Eclesiastes quebra tabus e foge de muitos padrões - é uma obra que "situa-se à margem de todo convencionalismo"[1], com um "estilo de discurso totalmente novo"[2] - e, ainda assim, ter sido incluído no cânon bíblico "sagrado"[3]. Esse livro que é a digressão de um pensador ao averiguar a vida: digressão, uma vez que não obedece uma ordem lógica e sequencial dos assuntos que trata. Um livro em que seus discursos divagam sobre os significados que a vida real nos apresenta.

A forma final do livro, com todas as suas possíveis e prováveis glosas[4], suas conexões e desconexões de ideias, prováveis e questionáveis autorias, suas controvérsias e aparentes contradições não serão foco de estudo deste trabalho. Há muito já dito a esse respeito. Existem já, no meio acadêmico, muitas obras de exegese que partem de princípios histórico-críticos para fazer a leitura do livro de Eclesiastes procurando encontrar sentidos e pontos de significação com o homem da época e lugar onde ele foi escrito, e por quem a obra foi lida.

O fato é que hoje o livro está aqui, curiosamente e deleitante ao alcance das mãos de leigos e filósofos, mestres e aprendizes, seculares e religiosos, pronto para ser degustado e estudado, lido e discutido livremente.

Pretende-se, com essa pesquisa, contribuir não apenas com o conhecimento exegético da obra, mas também – e especialmente - com a busca de compreensão significativa do livro de Eclesiastes sob um olhar estético, filosófico, crítico, contemporâneo.

---

[1] ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 164.
[2] ASENSIO, 2008. p. 162.
[3] Sobre sua inclusão no cânon bíblico, o livro de Eclesiastes ou Qohélet foi o livro que mais sofreu disputa para ser incluso na bíblia, mais até que o Cântico dos Cânticos, cf. R. Aqiba no tratado *Eduyot* 5,3 em nota citada por ASENSIO, 2008. p. 159.
[4] Por glosa entende-se: inclusões nos textos secundários que foram copilados do original, unindo anotações, comentários, ou interpretações exteriores ao texto, vinda de outros autores. Em Eclesiastes "é provável que as referências ao juízo de Deus e ao temor do Senhor constituam glosas que tentam salvar o ponto de vista tradicional da retribuição, ponto de vista para o qual Qohélet adota uma postura demolidora ao longo da obra". cf. ASENSIO, 2008. p. 160.

Por olhar estético entende-se o pensamento completo (e complexo) da relação entre o saber Sensível e o Simbólico, que são formas complementares – e não excludentes - de pensamento, de formatação de conhecimento.[5]

Pretende-se entender alguns sentidos que esta obra possa trazer para a nossa época, e assim averiguar como o livro de Eclesiastes - com sua forma filosófica e crítica de perceber a vida, sua forma estética de senti-la, sua metodologia científica (crítica, empírica, confrontadora da realidade e que vai na contramão dos conceitos tidos como verdadeiros pela sua sociedade[6]) – busca caminhos para elucidar a realidade em que vivemos hoje, fornecendo novos paradigmas para a vivência em sociedade, vivência religiosa, ética e estética, comprometida com valores morais e com uma busca por significados religiosos mais coerentes com as realidades vividas e sentidas.

Aqui ressalto que a estética que busca-se trazer à tona não se trata de mera arte e questões de gosto pessoal, mas de um fazer e pensar filosófico indissociável da experiência, do saber e fazer humano.

> A experiência estética é o ponto de partida de todas as rotas que a humanidade percorre: ela abre seu caminho à ciência e à ação. Ela manifesta a aptidão do homem para a moralidade. [7]

Parte-se do pressuposto de que o livro trata das dimensões estéticas não como estamos acostumados em nossos dias atuais, pós-iluminista, onde a comunidade científica segmenta o bom (ética), o belo (estética) e o verdadeiro (ciência) em categorias de diferentes campos de estudo, com poucos pontos de contato entre si e pouca transdisciplinaridade entre essas esferas.

---

[5] Conforme BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2009. p.22., existem saberes que só o Pensamento Simbólico pode nos dar; outros, só o Sensível é capaz de iluminar. Não podemos prescindir de nenhum dos dois.

[6] MENEZES, Clélio. *Hebel e Vaidade: Aproximações e distanciamentos*. Belo Horizonte. 2007. p. 23 diz: "os argumentos são apresentados a partir de presunções acordadas entre o público e a sabedoria tradicional. Esses argumentos, que parecem lógicos, ao serem contrapostos à realidade se contradizem e perdem sua validade. Assim, Coélet desperta em seus ouvintes a necessidade da revisão do argumento".

[7] DUFRENNE, Mikel – *Estética e Filosofia* – 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Edgar Morin, em sua obra *O Método I. A natureza da Natureza*[8] diz que o saber não pode ser dissociado da experiência humana. A comunidade científica como um todo necessita de fazer um retorno urgente ao que é complexo e plural, à junção da realidade humana e suas formas de pensar e construir conhecimento.

Assume-se, aqui um posicionamento de como os antigos filósofos gregos percebiam a estética: um saber integral da experiência humana que não dissocia bom de belo, belo de verdadeiro, verdadeiro de bom. Uma visão estética que agrupa em uma única esfera aquilo que é bom, belo e verdadeiro, - ou que não segmenta as esferas que outrora se misturavam em uma conexão transdisciplinar - que se inicia documentalmente em Platão:

> Platão reserva um lugar para a beleza em sua filosofia: trata-se das belezas das formas ideais, das provas matemáticas e das deduções racionais. O conhecimento é a beleza e o bem, porque ele é o conhecimento dessas verdades ideais que compreendem a verdadeira realidade das coisas.[9]

Busca-se uma leitura e representação estética que insurge a favor de uma ética prática, religiosa e social. Uma estética que seja favorável ao pensamento crítico, aquele que aperfeiçoa sua "capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente" [10] , sem desconsiderar elementos complexos, interligados, interdependentes.

Através do estudo de Eclesiastes, serão propostas algumas conclusões a respeito de uma forma estética e complexa – que leve em conta o pensamento sensível e simbólico [11] - de pensar e agir partindo dos conceitos e interpretações do livro, propondo um retorno à transdisciplinaridade[12] entre o conhecimento sensível estético, e o saber de representação conceitual da ciência, de maneira orgânica e fluida no ser humano contemporâneo em sua forma de perceber (estética), significar (ciência-verdade) e viver (ética) a vida.

---

[8] MORIN, Edgar. *O Método I. A natureza da Natureza*. Tradução de Ilana Heineberg. 2. ed. Porto Alegre. Sulina. 2008. 479p.
[9] HERWITZ, Daniel. *Estética: conceitos-chave em filosofia.* Tradução Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 19
[10] CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo. Ática. 2012. p. 22.
[11] BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2009. p.22.
[12] Pela delimitação da pesquisa, não cabe aqui a discussão sobre transdisciplinaridade e teoria da complexidade. Para saber mais a esse respeito, além de Edgar Morin, sugiro duas obras: SOETHE, J. R. *Transdisciplinaridade e teoria da complexidade*. In: SOUZA, I. M. L. E e FOLLMANN, J. I. (Org.) *Transdisciplinaridade e Universidade*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. p.21-28.

O recorte ou delimitação metodológica que se propõe do livro de Eclesiastes, com a finalidade de que a pesquisa alcance seu objetivo - sem, contudo, limitar demais suas compreensões - será feito do capítulo 1,1 até 5,19. A tradução do original texto hebraico, feita pela Bíblia de Jerusalém, será a fonte básica e objeto de estudo, com aporte em alguns comentários exegéticos bíblicos que possam trazer iluminação a termos importantes. A escolha da tradução da Bíblia de Jerusalém deve-se ao consenso de que esta tradução é a mais fidedigna aos textos hebraicos, sendo traduzida diretamente dos originais, uma vez que possuo a limitação de não conhecer a língua hebraica original a qual o livro foi copilado.

Apesar de urgir por uma compreensão abrangente, inclusiva e orgânica do saber sensível e saber conceitual no livro de Eclesiastes, por questões metodológicas a pesquisa se dividirá em 1) compreender a filosofia estética através de alguns autores centrais, 2) elencar no livro de Eclesiastes os elementos estéticos presentes na obra e 3) analisar criticamente as relações de saber sensível e saber conceitual. Procurarei avaliar cada um dos itens separadamente e usá-los como olhar metodológico, uma lente, que guiará a uma leitura estética ampla de Eclesiastes.

O primeiro capítulo será a exposição delimitada de três autores que se complementam em suas visões estéticas, mas não apenas isso, uma relação paralela com algumas obras e textos correlatos que possam, nos limites necessários dessa dissertação, trazer uma visão ampla da evolução da visão estética. O que é estética? Como ela se coloca em relação ao conhecimento? O que é sensação, sentimento, sensibilidade? O que é razão e conceito através da filosofia estética? Como o saber sensível se relaciona ao saber conceitual? Como eles são importantes para a experiência religiosa e experiência científica, crítica da realidade?

O segundo capítulo tratará da estética em Eclesiastes, levantando na obra termos, conceitos, discursos, poesias, argumentações, forma e conteúdo que se mostram como estéticos, que se voltam para uma compreensão e significação da realidade através do conhecimento sensível e suas relações com o conhecimento conceitual da época. Neste capítulo serão buscadas respostas a algumas indagações como: Quais elementos estéticos compõe o livro de Eclesiastes? Como o autor se utiliza da prosa, poesia, metáforas e outros artifícios artísticos da

linguagem? Quais valores estéticos o autor preza em seus escritos? Como o livro expressa a estética e a religião e quais suas relações?

O terceiro e último capítulo será a conclusão: uma análise crítica e contemporânea de como a estética presente em Eclesiastes pode lançar luz à realidade religiosa brasileira, procurando entender como o autor pode nos fazer refletir criticamente sobre a forma de vivência religiosa e relações com a ciência, conhecimento, saber na contemporaneidade. Como o livro lida com a dúvida e com a busca de uma verdade observável? Como o autor se utiliza de métodos filosóficos, empíricos e científicos para compreender o mundo à sua volta? Como a percepção estética influencia uma prática mais ética das práticas religiosas? Como alcançar uma verdade quando os horizontes da experiência humana nos limitam?

Na conclusão será proposta um novo diálogo quanto ao saber sensível e conceitual em nossa contemporaneidade, buscando mostrar possibilidades da experiência religiosa não se realizar apenas em meio à frações do conhecimento e experiência humana, religiosa, social, política; mas sim propondo uma transdisciplinaridade entre essas áreas de maneira complexa, orgânica, interdependente e (acredita-se) possível.

E por fim, já foi dito, que este estudo não se propõe a buscar uma profundidade exegético-hermenêutica, não disseca o texto de Eclesiastes em todas as suas nuances. Esta dissertação busca pontos de contato que a filosofia estética possui com o texto-recorte de Eclesiastes.

Dito isso, o método de análise que se propõe da obra é o de colocar a estética e o texto em justaposição, buscando, neste novo olhar, os relevos mais marcantes desse encontro.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTÉTICA

Como explicado na introdução desta pesquisa, este primeiro capítulo pretende uma aproximação estética ao texto de Eclesiastes. Uma aproximação que busca conceitos estéticos, do pensamento sensível, da percepção que se chega aos sentidos presentes na obra do Qohélet e em como esses elementos significam e elucidam compreensões sociais, religiosas, políticas, individuais do mundo contemporâneo.

Não só sua linguagem poética, reflexiva, cheia de elementos imaginativos sobre a Natureza e as ações humanas fazem do Eclesiastes uma obra estética, mas também sua visão de mundo com seus contrastes entre o sublime e o fútil, certezas e incertezas, harmonia e caos.

Busca-se aqui uma leitura da disciplina chamada “estética”, em seu desenvolvimento histórico, conceitual e significativo até o momento atual, para então elencar elementos estéticos no texto que tragam elucidações sobre a experiência e conhecimento humano atuais, compreendendo como a sensibilidade e a razão; a percepção e compreensão; o sensível e o conceitual; o olhar crítico e realista, podem fazer parte do todo da experiência humana e consequentemente, da experiência e prática religiosa.

Pretende-se, em cada conceito-chave de estética, relacioná-lo com as propostas escritas por Qohélet, fazendo relações conceituais entre eles.

Faz-se necessário considerar o caminhar conceitual e significativo da disciplina “estética” em suas diversas etapas para que se possa caminhar com uma leitura tendo uma compreensão contemporânea da obra do Eclesiastes. Nesta seção serão analisados três principais autores – escolha não arbitrária[13] - que incitaram e evoluíram a filosofia estética conceitualmente em suas formas estruturadas de pensar e agir.

[13] A Estética teve seu momento inicial com Baumgarten, momento intermediário que se situa Kant e momento final, com a estética de Hegel. A escolha destes três momentos não é arbitrária, mas orientada por referências recíprocas: Kant refere-se explicitamente a Baumgarten, ao passo que Hegel retoma Baumgarten no início de seus Cursos de estética, e "resolve", por assim dizer, o problema de Baumgarten com a ajuda de Kant. Cf. WERLE, Marco. *O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.131.

O primeiro é *Alexander Gottlieb Baumgarten* (1714 – 1762), um filósofo alemão que introduziu pela primeira vez o termo "Estética[14]", com a qual designou como ciência que trata do conhecimento sensorial[15].

O segundo momento da compreensão estética se dá com *Immanuel Kant* (1724 - 1804), filósofo prussiano [muito confundido como sendo alemão], que numa de suas três principais obras[16] acrescenta à Estética uma visão de conciliação dialética entre o saber sensível e conceitual[17].

O terceiro momento da construção da filosofia estética, se dá em Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831), um filósofo também alemão, que propõe uma conciliação estruturada entre o sensível e o conceito[18].

1.1 ESTÉTICA EM BAUMGARTEN (SENTIDO COMO SUB CATEGORIA DO SABER)

A disciplina de estética se iniciou com a criação do termo *Aisthesis*[19] por Baumgarten, em meados do século XVIII; não se referia inicialmente à arte, mas a "toda região da percepção e sensação humanas em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual"[20].

A distinção conceitual que a estética se debruça, nesse século XVIII, não é aquela entre a "arte" e a "vida", mas diferencia o que é imaterial do que é material; distingue pensamentos das coisas, ideias das sensações; "entre o que está ligado a nossa vida como seres criados opondo-se ao que leva uma espécie de existência sombria nos recessos da mente"[21].

---

[14] *Aisthesis.*
[15] EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética.* Trad. Mario Sá Rego Costa. Rio de Janeiro. Zahar. 1993. p. 17.
[16] Crítica da Razão Pura (1781); Crítica da Razão Prática (1788) e Crítica do Julgamento (1790).
[17] WERLE, Marco*. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.129-143.
[18] WERLE, Marco*.* 2005. p.129-143.
[19] Essa palavra já existia na Grécia, como nota Houaiss: "Do grego *aisthétós,ê,ón* – 'perceptível pelos sentidos, sensível' –, por oposição a *noétós,ê,ón* – 'percebido pela inteligência'". Estética e Noética sempre estiveram unidas, e ambas são inteligentes; siamesas, uma não existe sem a outra. Afirmo que a Estética também é inteligente, e a Noética, sensível. BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2009. p.25.
[20]EAGLETON, Terry. 1993. p. 17.
[21] EAGLETON, Terry. 1993. p. 17.

Em Baumgarten percebe-se que a Estética não nasceu como disciplina de "filosofia da arte", ou "compreensão do belo", mas como uma forma de demonstrar a relação completa do ato de conhecer através da sensibilidade e entendimento.[22]

A Estética, percebe-se aqui, não é a ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da sensibilidade e da comunicação sensorial. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade.[23]

A partir do que se lê nos parágrafos acima sobre Baumgarten, pode-se fazer uma inferência relacionando com o texto de Eclesiastes. Quanto ao que Baumgarten conceitua de "comunicação sensorial" e "organização do sensível", pode-se perceber no autor de Eclesiastes um discurso que se pretende comunicar aquilo que se vê[24] e organizar em conceitos, percepções, conclusões lógicas[25].

A obra de Eclesiastes expressa bem essa relação entre o conhecimento sensível e o conhecimento racional. O livro todo de Eclesiastes – como se poderá ver adiante na evolução deste trabalho – está basicamente construído em cima de um ciclo entre percepção sensorial e pensamento conclusivo: a vida se apresenta, o autor capta os sinais desses fenômenos (naturais, humanos, sociais) através de seus sentidos, toma consciência estética ainda inexplicável em palavras, reflete sobre tudo aquilo que pôde observar, e sugere algumas explicações racionais (que, claro, possuem concordâncias ou disrupções culturais, sociais e teológicas de seu tempo).

O projeto que Baumgarten procurou estabelecer foi um saber do sensível que não apenas se apresenta como uma nova opção metodológica em face às evoluções históricas e teóricas da arte e das poéticas. E nesse ponto deu início à complexidade de sua proposta, pois é a teoria do conhecimento que guia o seu intento, como nota Ernst Cassirer, em Liberdade e Forma:

---

[22] Como diz o próprio Baumgarten, o "conceito sensível é particular, como objeto de sensibilidade; geral como objeto de entendimento". Ambos se complementam ou contradizem: sensibilidade e entendimento são formas ativas de pensar – nenhuma, da outra, é sombra. BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2009. p.26.

[23] BOAL, Augusto. 2009. p.31.

[24] Que se passa pela sensação, pela percepção estética da realidade, da vida, como nos versos 1.4-7, em que o autor passa a seu leitor sua poética observação da vida: o sol, o vento, os rios.

[25] As conclusões, a partir daquilo que primeiro o autor viu e sentiu (1,4-7) estão no v. 8 "Tudo está cheio de cansaço, que ninguém pode exprimir.

> O sistema estético de Baumgarten não nasce de uma nova intuição da arte ou da realidade, mas toma o seu ponto de partida numa nova articulação das faculdades do conhecimento.[26]

Baumgarten vem da escola filosófica racionalista de Leibniz e Christian Wolff para quem a filosofia é tarefa do pensamento supra-sensível e essencialmente lógica, seguindo leis imutáveis e claras; ainda assim ele acredita que não se pode tratar do sensível sem causar certo confronto entre a lógica e a estética.[27]

Em sua obra *A Estética*[28], Baumgarten – trabalhando com parágrafos conceituais enumerados – cita possíveis objeções a esse pensamento e contra-argumenta com suas opiniões. Uma delas diz diretamente a respeito da crítica de que a Estética é uma arte e não uma ciência, da qual ele responde, categoricamente:

> A arte e a ciência não são maneiras de serem opostas. Quantas artes, que outrora eram apenas artes, agora são também ciências? A experiência provará que nossa arte pode ser demonstrada. É evidente "a priori" que a nossa arte merece ser elevada à categoria de ciência.[29]

É na continuidade histórica da relação entre a filosofia e a arte que a obra de Baumgarten se situa. Ele compartilha da crença imemorial de que a manifestação do belo, na vida e na obra, constitui a aspiração mais elevada que pode pretender um homem de conhecimento, articulando princípios racionais e a experiência sensível em uma visão coerente da totalidade dos aspectos da vida humana[30].

Em Baumgarten se inicia um processo de conceituação da estética, que gira em torno da experiência sensível e intelectual. Essa conceituação vai encontrar em Kant alguns ecos, reflexões, evolução e estabelecimento[31] da filosofia estética, como veremos no parágrafo a seguir.

---

[26] FERNANDES, Vladimir. *Ernst Cassirer – Filosofia das Formas Simbólicas*. Dissertação de Mestrado em Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Mário Ariel Gonzáles Porta. PUC-São Paulo. 2000

[27] WERLE, Marco*. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.131.

[28] BAUMGARTEN, Alexander. *"A Estética*". In. *Estética. A lógica da arte e do poema.* Petrópolis: Editora Vozes, 1993, p. 105-120.

[29] BAUMGARTEN, Alexander. 1993, p. 107

[30] TOLLE, Oliver. *Luz Estética: A ciência do sensível de Baumgarten entre a arte e a iluminação. Tese Doutoral do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.*

[31] Schelling, logo após a morte de Kant em 1804, no breve ensaio intitulado Immanuel Kant. Diz Schelling:"é primeiramente a partir de Kant e por meio dele que foi expressada cientificamente a essência da arte" (1985, vol.3, p. 19), conf. WERLE, Marco*. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.130.

1.2 ESTÉTICA EM KANT (CONCILIAÇÃO DIALÉTICA ENTRE O SABER SENSÍVEL E CONCEITUAL)

No capítulo anterior, vê-se um patamar conceitual panorâmico da obra e pensamento de Baumgarten. Para termos uma continuidade do pensamento estético no recorte metodológico proposto, passaremos a Kant, quem primeiro percebeu, em Baumgarten, esta dupla perspectiva do sensível como assunto artístico, e do sensível como objeto da teoria do conhecimento.[32]

Kant cita Baumgarten como grande pensador analítico, entretanto censurando-o em seu esforço de submeter a avaliação crítica do belo a princípios racionais:

> Essa denominação funda-se sobre uma falsa esperança, concebida pelo excelente pensador analítico Baumgarten, de submeter a avaliação crítica do belo a princípios racionais e elevar as regras dela à ciência. Esse esforço é, entretanto, vão, pois tais regras ou critérios são, com respeito às suas principais fontes, meramente empíricos e, portanto, não podem jamais servir como leis determinadas *a priori*, pelas quais deveria regular-se o nosso juízo de gosto; este último constitui antes a pedra de toque da exatidão das primeiras.[33]

Percebe-se entretanto, em Kant, no decorrer de suas obras *Crítica da Razão Pura* e na *Crítica do Juízo*, um debate exatamente com o problema de uma sensibilidade estética que é ora receptiva, ora produtiva.

Apesar da crítica a Baumgarten, Kant expressa a essência da arte nos moldes da razão. Quem alega isso é Schelling que, logo após a morte de Kant em 1804, lançou o ensaio com o título *Immanuel Kant*, onde diz: “é primeiramente a partir de Kant e por meio dele que foi expressada cientificamente a essência da arte" (1985, vol.3, p. 19).

Kant desenvolve a estética em *Crítica da Razão Pura* e reivindicando à ela parte da teoria do conhecimento que trata das formas puras da intuição, o espaço e o tempo, chamando-a de conhecimento sensível,[34] e traz, também, a ideia de

---

[32] WERLE, 2005. p.134.
[33] KANT, 1983, vol. 3, p. 70-71, trad. 1974, p. 40; cf. LEBRUN, 1993, Cap. 11
[34] "Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado e sem entendimento nenhum objeto seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceito são cegas" (KANT, 1983, vol. 3, p. 98).

Filosofia Transcendental, denominando-a como ciência elementar subjetiva, e nisso diz que o conhecimento possui duas partes que correspondem a

> "...dois troncos do conhecimento humano, que talvez decorram de uma raiz comum, para nós desconhecida, a saber, a sensibilidade e o entendimento; por meio da primeira são nos dados objetos, por meio da segunda eles são pensados. Na medida em que a sensibilidade tivesse de conter *a priori* representações, que constituem a condição segundo a qual nos são dados objetos, ela pertenceria à filosofia transcendental. A doutrina transcendental dos sentidos teria de pertencer à primeira parte da ciência elementar, pois as condições sob as quais unicamente são dados os objetos do conhecimento humano, se passam neles, sob as quais eles são pensados".[35]

Pode-se, a partir desta perspectiva, relacionar a citação acima aos textos de Eclesiastes: Em suma Kant percebe que o conhecimento é gerado a partir da sensibilidade, sendo assim os objetos - fenômenos - são dados, e assim o contato com esses fenômenos nos fornece sensações. A partir da sensibilidade, essas experiências são pensadas, transformadas em conceitos. Assim é que Kant esquematiza o conhecimento, relacionando o sensível ao racional, e que Eclesiastes, esquematicamente, desenvolve seu discurso.

Como exemplo ao esquema acima, na obra de Eclesiastes, no capítulo 1,1-13, o autor observa a natureza: o movimento do sol (a partir de seu ponto de vista), os ventos que vão e vem, o ciclo dos rios. Esta primeira impressão se dá no campo do sensível.[36] Quando aplica seu pensamento para tirar conclusões (v. 13-14) está formatando a segunda ramificação de seu conhecimento, agora o conhecimento racional: aquele que transforma as sensações em conceitos.

Fazendo essa analogia, percebe-se que a obra do Qohelét apresenta seus argumentos através desta relação do conhecimento sensível – aquilo que chega a seus olhos e sua percepção – com o conhecimento conceitual – sua forma de significar e conceituar a realidade após sua percepção inicial.

A sensibilidade é neste contexto definida como "a capacidade de receber representações por meio do modo como somos afetados pelos objetos"[37]. O pensamento não se confunde com a sensibilidade: "distinguimos a ciência das

---

[35] KANT, 1983, vol. 3, p. 66
[36] Eclesiastes 1.1-13
[37] KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos. 5. ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 69.

regras da sensibilidade em geral, isto é, a estética, da ciência das regras do entendimento, isto é, a lógica" [38]. Na sensibilidade nos são dados os "objetos, e eles somente fornecem as intuições; ao contrário, por meio do entendimento eles são pensados, dele decorrem os conceitos" [39]. Por isso, a sensibilidade não é uma qualidade das coisas, ou melhor, da coisa em si, mas somente dos fenômenos [40].

Intuição e entendimento; observação e pensamento; sentimento e conceito; é um pêndulo que o Qohelet não apenas faz questão de demonstrar em seus escritos, como baseia grande parte de sua obra nesta sequência: a) como o mundo (natureza, homem, fatos, objetos) se apresenta, b) a forma como o autor reflete sobre esses fenômenos que o atingem em suas percepções, e c) a elaboração formatada de conceitos sobre essas percepções.

Objeto e sujeito estão em constante relação. Sensação e significação, observação e conclusão. Um exemplo claro que que mostra essa dualidade está em 1,4-7, onde o autor de Eclesiastes observa as gerações dos homens, o sol, os ventos, os rios; nestes momentos do texto ele apenas relata suas observações, como se direcionasse o leitor a ver através de seus olhos todo esse movimento da vida, ainda sem exprimir seus significados. E, então, no v. 8 quebra a poética com uma ponte que vai levar o signo (natureza) a seu significado: "tudo está cheio de cansaço, que ninguém pode exprimir" *(expressar através de palavras)*[41], e então finalizar com sua conclusão refletida, conceitual, significativa no v 14: "tudo é vaidade e desejo vão".

Após essas observações feitas em Eclesiastes, percebe-se melhor como é possível fazer uma leitura estética da obra, com os olhos de Kant, que em sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant se refere ao estético como recepção do múltiplo dado na percepção (o sol, os ventos, os rios) e que necessita dos conceitos que lhe dêem uma direção (tudo é efemeridade[42]).

---

[38] KANT, 2001, p. 98.
[39] KANT2001. p. 69.
[40] KANT2001. p. 76.
[41] Interessante observar aqui que o próprio autor chega ao consenso de que o ciclo da vida e todo o seu movimento é impossível de de explicar em palavras. Ele usa palavras para dizer que no momento da sensação, do sentimento, da recepção do fenômeno não existem palavras suficientes para abarcar essa experiência em sua totalidade, apenas a experiência em si.
[42] Considero a tradução VAIDADE insuficiente para a compreensão de Eclesiastes. A Vaidade que o autor trata é, nas entrelinhas de seu discurso, aquilo que é efêmero, o termo hebel significa vapor, aquilo que não tem substância em si mesmo e se acaba brevemente. Conforme MENEZES, Clélio. *Hebel e Vaidade: Aproximações e distanciamentos*. Belo Horizonte. 2007. p. 23, Coélet utiliza-se de hebel para inserir todos os sonhos e ações humanas em um "vazio" insustentável. Criando então a

Já na *Crítica do Juízo*, o estético, a sensação entra em acordo com o entendimento, sendo produtivo.[43]

Voltando a Kant em *Crítica da Razão Pura*, percebe-se como ele elucida o conceito de estética transcendental dizendo que “esta não pode conter nada mais, nada menos, do que esses dois elementos, a saber, espaço e tempo, se esclarece pelo fato de que todos os outros conceitos pertencentes à sensibilidade, mesmo o de movimento, que une as duas partes, pressupõem algo de empírico" (KANT, 2001, p. 86).

Espaço e tempo é um dos temas que Qohelet se dedica a observar em sua obra. Quando diz que “apliquei meu coração a inquirir e a investigar com sabedoria a respeito de tudo o que se faz debaixo do sol” (1.13). A limitação de suas sensações está **debaixo do sol**, termo que grifo mediante sua importância estética aqui: somente as coisas que se apresentam em sua aparência, somente o que lhe é dado, o que lhe é visível, o que lhe é captável pelos sentidos, é que ele discorre, que ele sente e conclui.

Eclesiastes não se dedica a explicar aquilo que não lhe chega aos sentidos imediatamente: “quem sabe se o espírito do homem sobe para cima, e se o espírito do bruto desce para baixo, para a terra? (3,21)”. Apesar de expressar suas opiniões quanto a essas especulações, dizendo que o homem deve “regozijar-se (...) nas suas obras (v. 22)”, ele reconhece a falibilidade de sua opinião mediante ao fato de que o homem não volta da morte para saber o que há depois dele (v. 22). O foco de suas análises está sempre naquilo que se pode sentir, e como se pode inquirir sobre o que se percebeu.

O início do capítulo 3 de Eclesiastes trata das questões de tempo, dizendo que tudo tem seu tempo, que a terra tem seu tempo, a vida tem seu tempo, as relações humanas são limitadas pelo tempo (3,1-8); e mesmo o homem querendo (transcendentalmente) conceber a ideia de eternidade, este se frustra por não poder saber o que veio antes dele e o que será depois dele (v.11)

---

necessidade de uma releitura da teologia vigente. (...) hebel transita todo o tempo no âmbito existencial, não havendo carga moral nessa palavra, o que não ocorre com o vocábulo “vaidade” utilizado em algumas traduções. Vaidade no momento atual significa valorização pelas aparências. O melhor termo que sugiro é “efemeridade”.

[43] Como afirma Kant no *§64* da *Antropologia*, “no gosto (da escolha) isto é, na faculdade do juízo estético, não é imediatamente o sentimento (o material da representação do objeto), mas antes a faculdade do juízo livre (produtiva) que, por meio da poesia, realiza uma fusão, isto é, a forma que produz um aprazimento no objeto: pois apenas a forma é capaz de reivindicar uma regra universal para o sentimento de prazer” (KANT-1983, vol. 10, p. 565)

Voltando a Kant, seu mérito consiste em mostrar que o sensível possui nele mesmo um princípio que já é racional, uma finalidade em localizar no sentimento um *a priori*, uma conformidade a fins de caráter transcendental, não submetida ao entendimento, embora em concordância com o entendimento.[44]

O texto de Eclesiastes percebe que o sensível (a vida percebida) possui em si um princípio a priori racional de caráter transcendental, que, apesar não serem passíveis de análise racional com provas concretas, é passível de entendimento. Este entendimento é acessado de maneira especulativa pelo Qohelét e seus significados se relacionam ou vão na contramão dos conceitos e construções culturais, teológicas de seu período[45].

Um exemplo disso está no seguinte texto, onde o autor, depois de expressar suas observações sobre os ciclos intermináveis da vida (cap. 3) e o trabalho incessante dos homens, conclui: “Sei que tudo quanto Deus faz durará para sempre; nada se lhe pode acrescentar e nada tirar; Deus o faz para que os homens temam diante dele. (3.14).

Um dos pressupostos teológicos que o levam a esta conclusão é o da eternidade de Deus, e o outro de que o homem deve temer a Deus[46] como princípio da sabedoria. O que o autor de Eclesiastes conclui passa, claramente, pelo conceito kantiano de juízo de gosto, que não é meramente individual, mas possui uma universalidade enquanto um sentimento, apesar de não determinável pelo conceito. Quando se está diante do belo e sublime, se percebe a beleza e o sublime, mas não se pode explicar precisamente em que consistem esses dois. Este mesmo juízo de gosto sugere uma comunicação universal, a vivificação das faculdades da imaginação e do entendimento, no horizonte de uma universalidade não conceitual.

---

[44] WERLE, Marco*. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.137.

[45] Sobre os conceitos que Eclesiastes se opõe ao senso comum de sua época veremos mais adiante no Segundo capítulo.

[46] No período do rei Salomão, a quem o autor de Eclesiastes sugere autoria, o conceito de sabedoria (hokmah) estava vinculado às ideias religiosas. O sábio é quem possui a perspicácia religiosa de definir que Deus criou o mundo. Essa consciência o coloca no patamar de criatura, e com isso cultiva em seu íntimo a virtude do “temor ao Senhor”. Temor que não significa terror, mas disposição nascida da auto-compreensão do homem como criatura nas mãos de um Deus criador, conforme: ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 34.

O belo é tido como belo porque possui uma certa conformidade, mas não uma finalidade determinada, que pudesse ser estabelecida em conceitos[47].

Na *Antropologia*, de Kant lê-se:

> O julgamento de um objeto, por meio do gosto, é um juízo sobre a concordância ou o conflito da liberdade no jogo entre a imaginação e a conformidade a leis do entendimento e se refere, portanto, apenas à forma estética de julgar (essa unificação das representações dos sentidos) e não a produtos a serem criados, nos quais ela é percebida.[48]

Hegel procurará preencher algumas dessas lacunas da estética de Kant, buscando ir além de uma filosofia do sujeito centrado apenas em si mesmo e superar a contraposição entre o objetivo e subjetivo, a sensibilidade e o conceito, a qual ficou indicada na filosofia de Kant, e que Hegel procurará superar.

Para isso, Hegel se serve da lição kantiana da racionalidade imanente ao sensível. Nesta delimitação do objeto da estética, que é a arte, Hegel realiza um duplo movimento do pensar: eleva o lado sensível da aparência ao nível da filosofia - ao nível do conceito -, e faz com que o conceito desça ao nível da sensibilidade.[49]

1.3 ESTÉTICA EM HEGEL (CONCILIAÇÃO ENTRE SENSÍVEL E CONCEITO)

No capítulo anterior pode-se perceber o desenvolvimento da filosofia estética através de Kant em uma oposição do que é objeto e sujeito, sentimento e pensamento, forma e conceito. É Hegel quem vai conciliar dialogicamente essas abordagens aparentemente opostas, mas que fazem os lados de uma mesma moeda.

Para situar Hegel na filosofia e compreender sua ótica sobre a estética, primeiro veremos uma breve nota panorâmica sobre sua vida e trabalho:

---

[47] KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Juízo*. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1993. p. 47 – 112.
[48] KANT, 1983, vol. 10, §64 p. 566
[49] WERLE, Marco*. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005. p.139.

> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770 – 1831): filósofo e teólogo alemão, nascido em Stuttgart. Para Hegel o espírito humano desenvolve-se em estágios determinados pelo devir histórico. A razão não é uma dádiva, mas o produto do trabalho humano, das atividades que exigem o seu exercício. Do mesmo modo a elevação do homem ao Espírito absoluto (fim supremo da existência) deriva do exercício superior da razão, através da arte, da ciência e da religião. Essa busca pelo absoluto se reflete na necessidade de um saber igualmente absoluto.[50]

Por essa breve descrição já percebe-se na obra de Hegel a relação com o autor de Eclesiastes. O trabalho humano do Qohelét em busca do saber, buscando elevar-se, empreendendo seus esforços em busca da sabedoria, uma sabedoria que leva em conta a razão (reflexão sobre a vida, análise), a arte (estética, experiências, vivências, apreensão da vida) e a religião (fé e pressupostos teológicos como meios de significação social).

Propõe-se para o momento a compreensão de Hegel e sua contribuição para a filosofia estética, na qual – conforme o título desse capítulo – concilia o sensível com o conceito.

Hegel tem pensamento dialético, fundamentado na unidade dos contrários e na superação deles numa síntese superior. Percebe-se, em sua obra, um ritmo tão característico de sua dialética: tese, antítese e síntese, onde desenvolve o chamado idealismo absoluto: a Lógica, a filosofia da Natureza e a filosofia do Espírito.[51]

Na primeira (Lógica) a ideia desenvolve-se em si, em sua pura interioridade abstrata. Na segunda (filosofia da Natureza) a ideia desdobra-se para fora de si. Na terceira (filosofia do Espírito) a ideia retorna de sua alteridade a ela mesma, conservando aquilo que ela pensa e ultrapassa, a saber a Lógica e a Natureza. Cada um desses momentos subdividem-se por sua vez em três: Na Lógica: teoria do ser, da essência e do conceito. Na filosofia da Natureza: mecânica, física e orgânica. Na filosofia do Espírito: o espírito subjetivo, o espírito objetivo e o espírito absoluto.[52]

Em sua filosofia do Espírito, Hegel ainda divide: Espírito Subjetivo (que permanece em si - alma, consciência e espírito), Espírito Objetivo (que realiza fora de si - direito, moralidade, socialidade que culmina no Estado) e o Espírito Absoluto (que retorna a si integrando aquilo que ele ultrapassa – a arte, religião e filosofia).[53]

---

[50] SCHÖPKE, Regina. *Dicionário filosófico: conceitos fundamentais.* São Paulo, Martins Fontes, 2010. p. 124 – 125

[51] COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2005. p. 62

[52] COMTE-SPONVILLE, André. 2005. p. 62

[53] COMTE-SPONVILLE, André. 2005. p. 63

Sua visão de arte abrange não apenas aquele conceito de arte que estamos acostumados a intuir (pintura, escultura, etc.) mas a expressão estética absoluta e abrangente da qual o "homem, alterando as coisas exteriores imprime a marca de seu ser interior, encontrando nelas suas próprias características"[54].

Em Hegel percebe-se que "a arte responde a uma necessidade humana universal de elevar o mundo interno e externo até a consciência espiritual, como um objeto no qual nos reconhecemos a nós próprios.[55]

Hegel acreditava que

> a atividade humana organiza-se em torno de uma meta geral. A meta da atividade humana (isto é, da história humana) é conquistar seu próprio ambiente, é criar um mundo para nós próprios, no qual sejamos livres para ser livres. Isso significa remover (superar) a alienação de nosso ambiente social e natural, tornando-os conformes com nossas aspirações mais profundas. A meta é construir um mundo social no qual nossas aspirações mais profundas possam ter expressão.[56]

Conforme o autor, é somente procurando fazer do mundo um reflexo de nossos interesses que podemos compreender que falhamos e obter uma melhor ideia de como progredir a partir do que deu errado.

Essa ideia pode-se relacionar com o texto de Qhoelét quando, no trecho 1,17 diz*: "Apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a ciência, a loucura e a estultícia.* E aqui pode-se perceber o autor buscando fazer do mundo o reflexo de seus interesses, procurando progredir a partir da compreensão de suas falhas, um autor que reflete sobre seus atos mais sábios e mais loucos, mais científicos e mais estultos[57].

Finalizando esse capítulo - uma vez que a pesquisa se propõe não em analisar a obra completa de Hegel, mas sim contribuições e pontos de contato entre sua estética e o livro de Eclesiastes - propõe-se uma exposição de conceitos estéticos advindos diretamente de sua obra *Cursos de Estética*[58], onde o autor trata

---

[54] (HERWITZ, Daniel. *Estética: conceitos-chave em filosofia.* Tradução Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 89.)
[55] HEGEL, G.W.F. *Aesthetics: Lectures on Fine Art*. Tradução T. M. Knox. The Claredon Press. Oxford. 1975. p. 31.
[56] HERWITZ, Daniel. p. 90
[57] Estultícia: Qualidade, particularidade, característica daquilo que é estulto; que demonstra estupidez ou se comporta de maneira estúpida; tolice, parvoíce. Conforme Dicionário On Line de Português (http://www.dicio.com.br/estulticia/, visitado em 28 de julho de 2014)
[58] Todos os textos dos parágrafos seguintes são referidos à obra: HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética*. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo. EDUSP. 1999. p. 107- 124.

da arte como uma forma de apreender e compreender, de sentir e pensar, de imaginar e objetivar. Em cada parágrafo um conceito que, no decorrer desta pesquisa poderá encontrar uma relação com o autor de Qohelét.

“A primeira forma de arte”, explica Hegel, “é ainda um mero procurar o ato de figuração do que uma capacidade de exposição verdadeira. A Ideia ainda não encontrou a Forma em si mesma e permanece assim apenas numa luta e aspiração por ela.” (p. 107).

“Os objetos das intuições da natureza (...) são deixados tal como são, mas logo a seguir a ideia substancial é nele introduzida como seu significado, de tal modo que eles devem assumir a tarefa de expressá-la e serem interpretados como se a Ideia estivesse propriamente presente neles. A isso se liga o fato de que os objetos da efetividade tem em si mesmos um aspecto capaz de expor um significado universal”. (p. 108).

“A Ideia vacila para lá e para cá entre eles, fervilha e fermenta neles, exerce sua força sobre eles, os consome e se estende sobre eles de modo não natural e busca elevar o fenômeno à Ideia por meio da dispersão, da desmesura e do luxo da figuração. Pois a Ideia é aqui ainda o mais ou menos indeterminado, o que não pode ser figurado.” (p. 108).

“O significado não pode ser completamente configurado na expressão e, apesar de toda aspiração e tentativa, permanece, contudo, insuperada a inadequação entre a Ideia e a forma. – Essa seria a primeira forma de arte, a simbólica, com sua procura, sua efervescência, seu enigma e sublimidade.” (p. 109). “A forma simbólica é incompleta porque, por um lado, a Ideia vem apenas à consciência numa determinidade ou indeterminidade abstratas e porque, por outro lado, precisamente a concordância entre o significado e a forma deve sempre permanecer deficiente e apenas abstrata.” (p. 109).

“Como solução dessa dupla deficiência, a Forma de arte clássica é a livre e adequada conformação da Ideia na forma que pertence de modo peculiar à própria ideia segundo o seu conceito, com a qual, assim, ela pode entrar numa sintonia livre e completa. E, assim, é a Forma clássica que pela primeira vez oferece a produção e intuição do ideal completo e o apresenta como efetivado. [...] Ao contrário, a peculiaridade do conteúdo no clássico, reside no fato de que ele próprio é a Ideia

concreta e, enquanto tal, a espiritualidade concreta; pois somente a espiritualidade é a verdadeira interioridade.” (p. 109).

“A arte em geral transforma em objeto, numa Forma concreta e *sensível*, o espírito que, segundo o seu conceito é a universalidade infinita e concreta, e apresenta no clássico a consumada formação unificadora da existência espiritual e sensível como *correspondência* de ambos.” (p.110 – grifos do próprio autor).

“O homem é animal, mas mesmo em suas funções animais não permanece preso a um em-si como animal, pois toma consciência delas, as reconhece e as eleva à ciência autoconsciente. Por meio disso o homem soluciona o limite de sua imediatez de existente em-si de tal modo que pelo fator de *saber* que é animal, deixa de sê-lo e se dá o saber de si como espírito [...] então o verdadeiro elemento para a realidade desse conteúdo não é mais a existência sensível e imediata do espírito, a forma humana corporal, mas a *interioridade autoconsciente*.” (p. 112 – Grifos do próprio autor).

“No âmbito análogo da religião, com a qual a arte em seu mais alto grau está em conexão imediata, concebemos a mesma diferença no modo de que para nós, em primeiro lugar, por um lado se apresenta a vida terrena e natural em sua finitude; num segundo momento, a consciência transforma Deus em objeto, no qual desaparece a diferença entre objetividade e subjetividade; por fim, num terceiro momento, progredimos de Deus enquanto tal para a devoção da comunidade, para Deus enquanto ser vivo e presente na consciência.” (p. 116).

Nos parágrafos acima, Hegel trata da arte não como mero objeto, mas como significação subjetiva, complexa, dialógica, em que o sentido e o conceito se encontram. Essa percepção explica esteticamente muitos dos conceitos do livro de Eclesiastes que serão analisados a seguir, no desenvolvimento dessa pesquisa.

Tendo em vista essa visão conceitual de Hegel e sua obra, como olhar estético que se permite compreender algumas assertivas do Qohelét, pode-se propor uma leitura complexa desse da livro do Eclesiastes.

1.4 ESTÉTICA GERAL (OUTROS AUTORES QUE ELUCIDAM A PERCEPÇÃO ESTÉTICA)

Nos três capítulos anteriores compreende-se como a filosofia estética se fundamentou e se desenvolveu através de uma linha escolhida para esta pesquisa: primeiro Baumgarten, que fundou a estética trazendo o sentido como sub-categoria do saber; depois Kant que, mencionando Baumagarten, concordando em alguns pontos, discordando em outros, mas – definitivamete – referenciando-o no desenvolver de sua obra, concilia uma dialética entre o saber sensível e o saber conceitual, especialmente trazendo a ideia da estética transcendental ao estudo das formas *a priori* da sensibilidade, sem os quais não se pode apreender as coisas do mundo; terminando em Hegel que trata desses dois conhecimentos de maneira dialógica (e não mais dialética como em Kant), onde a apreensão, percepção e significação fazem parte de um conhecimento complexo que leva em conta os sentidos e a reflexão conceitual-filosófica.

Muitos outros autores, porém – é justo dizer – trazem em suas obras conceitos de filosofia estética que contribuem e - mais que isso – ampliam a visão de estética como conhecimento. Não cabe, na proposta desta pesquisa e em sua delimitação metodológica aprofundar esses autores, porém se faz coerente mencionar alguns deles com suas contribuições principais à filosofia estética que será feita de maneira semelhante ao capítulo anterior: cada parágrafo um autor com menção a seus conceitos-chave que, nesta pesquisa, são essenciais à percepção da filosofia estética.

"Platão reserva um lugar para a beleza em sua filosofia: trata-se das belezas das formas ideais, das provas matemáticas e das deduções racionais. O conhecimento é a beleza e o bem, porque ele é o conhecimento dessas verdades ideais que compreendem a verdadeira realidade das coisas."[59] Conforme Platão "o belo consiste na grandeza e na ordem."[60] Falando de Mitos ele ainda complementa: "tal como os corpos e organismos viventes devem possuir uma grandeza, e esta

[59] HERWITZ, Daniel. *Estética: conceitos-chave em filosofia.* Tradução Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 19.
[60] ARISTÓTELES. *Poética*. Capítulo I ao XII. Ars Poetica Editora, 1981. p. 17 – 63

bem perceptível como um todo, assim também os Mitos devem ter uma extensão bem apreensível pela memória."[61]

É Plotino (que desenvolveu uma crítica profunda da teoria estoica[62] da beleza)[63] quem vai trazer, primeiramente o conceito de beleza como o todo, o complexo e não suas partes, quando diz que

> a beleza visível é fruto da mútua simetria das partes entre si e em relação ao todo (...) universalmente, em todos os casos, ser belo é ser simétrico e proporcionado. (...) A beleza seria privilégio do todo, enquanto que as partes careceriam dela, tendo estas como exclusiva finalidade o unirem-se no todo que por elas seria belo. Porém, se o todo é belo as partes também o serão, porque a beleza não é algo que resulta da agregação de elementos feitos, senão que compenetra todas as partes.[64]

Terry Eagleton diz que a "a estética nasceu do reconhecimento de que o mundo da percepção e da experiência não pode ser simplesmente derivado de leis universais abstratas, mas requer seu discurso mais apropriado e manifesta, embora inferior, sua própria lógica Interna." [65] A Estética entra como um elemento ordenador da sociedade uma vez que o texto tem forte poder de convencimento podendo produzir "um tipo inteiramente novo de sujeito humano – um que [...] descobre a lei na profundeza de sua própria identidade livre, e não em algum poder externo opressivo. O sujeito liberado é aquele que se apropriou da lei como o princípio mesmo de sua autonomia; quebrou as tábuas da lei para reinscrever a lei na sua própria carne."[66]

Para Mikel Dufrenne "o olhar novo que um homem lança à paisagem, o gesto novo que se cria uma nova forma – se inscreve na cultura. Em que é que ela se empenha? Mais do que em apreender o natural, enquanto se opõe e se liga ao

---

[61] ARISTÓTELES. 1981. p. 17 – 63

[62] Cabe dizer aqui, que Eclesistes está vinculado às ideias do Estoicismo no qual é considerado lógico que o autor de Eclesiastes viveu, ensinou e escreveu em pleno período Helenista, conforme ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 162

[63] Segundo os estoicos, a beleza consiste essencialmente na simetria e proporção entre as partes de um corpo; resulta assim a beleza algo próprio do mundo material, e por elas devemos julgar o mundo inteligível. Plotino demonstra que a ordem superior é inversa; a beleza é essencialmente algo inteligível, e dessa ordem superior descende o mundo corpóreo conforme: DUARTE, Rodrigo (org.). *O belo autônomo. Textos clássicos de Estética*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. Crisálida. 2013. p. 50.

[64] PLOTINO. Sobre o Belo, Enéada I, 6. In: *A alma, a beleza e a contemplação*. São Paulo. Associação Palas Athena. 1981. p. 54-62

[65] EAGLETON, Terry, 1943 – *A Ideologia da Estética*. Tradução Mauro Sá Rego Costa – Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 19)

[66] EAGLETON, 1993. p. 19)

cultural, em apreender o fundamental: o próprio sentido da experiência estética, ao mesmo tempo aquilo que a fundamenta e o que ela fundamenta.[67]" A Filosofia estética busca "Interrogar não só as relações entre ciência e filosofia como a redefinir a "natureza" vendo-a prolongada na técnica e na prática humanas [...] a experiência estética é o ponto de partida de todas as rotas que a humanidade percorre: ela abre seu caminho à ciência e à ação. Ela manifesta a aptidão do homem para a moralidade."[68]

Para resumir, David Hume trata das questões de gosto dizendo que todo pensamento é crença, e afirmando também que jamais se conhece o mundo como é, mas somente as percepções que temos dele[69]; Schiller propõe a educação estética do homem[70] e elabora ampla pesquisa que trata do sublime e do trágico na estética; Schopenhauer assemelha-se demais ao Qohelét quando diz que a vida é absurda por natureza, que nós só sabemos sofrer ou entediar-nos, e que a única sabedoria é livrar-se desse ciclo através da contemplação estética[71].

A lista de autores e pensamentos se segue extensa até os dias de hoje, com nomes – não menos importantes, que não serão aprofundados, mas aqui mencionados – como Nietzche, Walter Benjamin, Arthur Danto, Benedito Nunes, Theodor Adorno, Vilém Flusser (este muito atual e celebrado, inclusive) e Gilles Deleuze.

Uma vez compreendido o panorama da filosofia estética, o capítulo 2 elencará elementos textuais na obra de Eclesiastes – conforme delimitação de seu texto proposto na introdução desta pesquisa – que procuram trazer à tona uma significação, uma leitura e compreensão a partir de conceitos da filosofia estética.

Mas antes de passar para essa compreensão é necessário concluir criticamente a ótica do conceito de estética que esta pesquisa usará como metodologia a partir da qual será lido e compreendido o livro de Eclesiastes.

---

[67] DUFRENNE, Mikel – *Estética e Filosofia* – São Paulo: Perspectiva, 2002 - 3 ed.
[68] DUFRENNE. 2002 - 3 ed.
[69] COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2005. p. 59
[70] SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*, tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo:Iluminuras, 2002, 4a. edição
[71] COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2005. p. 66

1.5 SÍNTESE CRÍTICA DO CONCEITO DE ESTÉTICA

Vimos em Baumgarten que a Estética não nasceu como disciplina de "filosofia da arte", ou "compreensão do belo", mas como uma forma de demonstrar a relação completa do ato de conhecer através da sensibilidade e entendimento.[72]

Sensibilidade, no caso da obra de Eclesiastes está presente sua apreensão das coisas do mundo através de seus sentidos, e sua compreensão sensível da realidade através da prosa poética, do estilo literário único pelo qual transmite aquilo que recebeu.

Os escritos de Baumgarten sobre a poesia transpõe ao domínio o esquema platônico da superioridade do inteligível teórico sobre as coisas sensíveis[73].

Baumgarten estabelece a distinção entre *aestheta* e *noeta.* O primeiro corresponde às imagens, capacidade imaginativa e de representações sensíveis, e o segundo conhecido pela faculdade superior de formulação lógica.

Sendo assim, Baumgarten contribui tanto conceituando a filosofia estética, como elucidando o conhecimento como algo sensível e conceitual.

Em Eclesiastes percebe-se um padrão: significar a vida é compreendê-la não apenas pela sabedoria e conceitos aceitos de verdade, mas em sua totalidade da experiência própria, com a observação da realidade, formulando novas proposições a partir desse saber sensível e conceitual.

Kant utiliza-se dos conceitos de Baumgarten e Hegel evolui-os a partir de Kant. Pode-se, nesta conclusão ao primeiro capítulo, perceber o desenvolvimento da filosofia estética através de Kant em uma oposição do que é objeto e sujeito, sentimento e pensamento, forma e conceito e perceber que Hegel é quem concilia dialogicamente essas abordagens opostas, dialógicas, como os lados de uma mesma moeda.

O olhar metodológico para o livro de Eclesiastes através dessa caminhada histórico-conceitual da filosofia vai colocar no livro uma lente não lógica e linear, mas dialógica e complementar, que não percebe cada conceito e explicação como uma

---

[72] BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética. A lógica da arte e do poema*. Tradução de Míriam Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 120.
[73] NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia. O pensamento poético*. Org. Maria José dos Campos. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1ª reimpressão. 2007. P. 17.

parte independente do todo da experiência (sensível e conceitual), mas como a relação mútua entre uma e outra.

Eclesiastes, esteticamente falando, é uma obra que pode também ser lida sob a perspectiva experiencial-racional, ou seja um compreender absoluto da realidade que não leva em conta o relativismo e separatismo da experiência ou do conceito, mas associa ambas em uma relação dialógica, filosófica, científica, num todo coerente.

Qohelet empenha-se em um trabalho humano que busca o saber, empreendendo seus esforções na busca por elevar-se, procurando uma sabedoria que leva em conta a razão (reflexão sobre a vida, análise), a arte (estética, experiências, vivências, apreensão da vida) e a religião (fé e pressupostos teológicos como meios de significação social).

Essa é a filosofia estética complexa através da qual o livro pode alcançar novos significados, quebrar alguns paradigmas de compreensão, abrir portas para novas discussões e até mesmo buscar, na contemporaneidade, uma aplicação prática para a vivencia religiosa: uma que também preza pela beleza da estética, o bom da ética e o saber da ciência; que não seja exclusivista em suas abordagens nem tenha a pretensão de formatar um saber absoluto, dogmatizado, uma vez que - citando André Comte-Sponville – dogma é aquilo que atingiu o absoluto e não pode mais progredir.[74]

[74] COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2005. p. 27

2. ELEMENTOS ESTÉTICOS EM ECLESIASTES

> "O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma sociedade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu." Émile Benveniste.

A primeira parte desta pesquisa trouxe à luz abordagens de filosofia estética – a partir de Baumgarten, Kant e Hegel – e outras aproximações teóricas de autores que concordam com a ideia da estética não como mera filosofia da arte, mas como uma forma complexa de apreender o mundo e elaborar compreensões e conceitos desse mundo.

O olhar metodológico para os textos de Eclesiastes que se está propondo aqui, é através daquela filosofia estética que busca apreender o mundo a partir do pensamento sensível, e compreendê-lo através do pensamento conceitual.

Isso não de uma forma linear, hierárquica, por etapas claras, mas de maneira orgânica que acontece quando nossos sentidos se abrem para compreender a vida (os objetos, as subjetividades, seus possíveis sentidos) e elaborar conceitos desta vida.

Por isso é importante agora, mostrar, com certo detalhamento, quais textos e conceitos contidos da obra do Qohelét explicitam esse desejo estético de conhecer a vida, de buscar sabedoria, de experimentar sensações, de observar as pessoas, de confrontar os pressupostos conceituais de sua época e tirar conclusões que levam em conta não apenas a teologia presente em seus dias, não apenas os conceitos religiosos, não apenas as filosofias atuantes, mas toda uma complexidade de observações baseadas e envolvidas organicamente na própria existência, na vida concreta, no empirismo, na experimentação, na tentativa-e-erro.

Quais elementos estéticos compõe o livro de Eclesiastes? Como o autor se utiliza da prosa, poesia, metáforas e outros artifícios artísticos da linguagem? Quais valores estéticos o autor preza em seus escritos? Como o livro expressa a estética e a religião e quais suas relações? São essas questõe-chave para a compreensão, a leitura estética, não pela ótica da estética da recepção[75], mas pela ótica dos conceitos da filosofia estética em si.

[75] Quando se diz "leitura estética" pode-se confundir com os conceitos de "Estética da Recepção". A Estética da Recepção é um campo de estudo inaugurado por Hans Robert Jauss, em 1967, na

2.1 A ESTÉTICA DA LINGUAGEM DE ECLESIASTES

> Uma geração vai-se, e outra geração vem, mas a terra permanece para sempre. Nasce o sol, dirigindo-se arquejante para o lugar em que vai nascer. O vento vai em direção do sul e volta para o norte; volve-se, revolve-se na sua carreira e retoma seus circuitos. Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr. (Eclesiastes, 1,4-7)[76]

A literatura é considerada um fenômeno estético, cheio de figuras de linguagem, prosas, poesias, conceitos. Mas também é uma manifestação social e cultural, utilizada pelo homem para expressar-se em seus anseios, percepções da realidade, suas visões de mundo.[77]

Na obra de Eclesiastes não é diferente. O autor assume para si a responsabilidade de aplicar o coração a inquirir e a investigar com sabedoria a respeito de tudo que se faz aqui na terra, debaixo do sol (1,13). E assumindo essa responsabilidade e difícil empresa, destrincha suas percepções de mundo conforme vai percebendo (apreendendo esteticamente) e concebendo (concluindo através de conceitos)

Torna-se claro daí que sua percepção sobre tudo o que viu não poderia ser linear e hierárquica, uma vez que ao apreender a realidade, o autor apreende a totalidade dessa realidade para então dividi-la em conceitos pautados por uma linguagem poética, argumentativa, prosaica, narrativa, e tantas outras formas literárias presentes no texto.[78]

É consenso entre os estudiosos do livro de Eclesiastes que sua obra é peculiar, complexa[79], difícil de analisar e categorizar. Seu texto não segue uma linha

---

Universidade de Constança, que valoriza o papel do leitor na ativação dos sentidos dos textos. Esta pesquisa não se propõe a "preencher as lacunas" no texto de Eclesiastes, mas sim a ler a obra a partir dos conceitos de filosofia estética, aquela que não apenas se volta para o belo, mas tem na experiência sensorial e conceitual a formação de um conhecimento amplo e complexo.

[76] BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução Brasileira. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1216 p.)

[77] MICALI, Danilo Luiz Carlos. *O enteado, de Saer: uma percepção poética da Conquista Hispânica Americana.* Niterói n.22. 2007. p. 222 (Artigo publicado em: http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/download/289/291).

[78] "O livro apresenta uma variedade muito grande de gêneros literários. Ao longo do texto podemos encontrar narração (1,12-2,20), poesia (3,1-8), parábola (9,14-15), provérbios (7,1-8; 10,8;8-12.18-20), que devem ser analisados de formas diferentes." Conforme VERAS, Lilia. Um primeiro contato com o livro do Eclesiastes ou o livro Coélet, In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 52 – 2005/3. Petrópolis. Editora Vozes. 2005. p. 123.

[79] "O livro de Eclesiastes é notoriamente difícil e complexo. Não é necessário ser um academico da exegese para perceber o quão desafiador é este livro". ZABATIERO, Júlio. *Viver à sombra da morte*. In: Bíblia e Outros Ensaios - Revista Theologando n.4. São Paulo. Fonte Editorial. 2011. p.10

lógica percebida imediatamente, mas seu escrito é comparado a uma "colcha de retalhos":

> Esse estilo *sui generis* (da obra de Eclesiastes) valeu ao livro ser considerado uma colcha de retalhos, uma obra de muitos autores, uma obra mal organizada. Mas uma leitura, não só atenta, mas envolvente, do texto permitirá ao leitor aceitar o estilo extravagante de Coélet, entrar na sua lógica sensível e tentar entender a sua mensagem. Percebe-se, então, que o texto segue uma lógica, embora própria e não linear.[80]

A singularidade de sua obra é algo que contrasta com outras obras bíblicas, a primeira sensação que o leitor tem é a de encontrar-se fora do Antigo Testamento, inclusive fora da literatura sapiencial.[81] Sua linguagem única demonstra, em si, um pensamento estético já em sua raíz mais profunda: a linguagem, a expressão verbal, a formação de conceitos e demonstração sensível.

Essa singularidade ressalta-se na variedade enorme de gêneros literários ao longo do texto. Cada um desses gêneros tem uma estética própria, uma forma de apresentação literária que por si só já são capazes de comunicar a inteligência e a beleza da composição; capazes de fisgar a atenção do leitor e fixar o conteúdo conceitual em sua memória.

Para expressar suas ideias, o texto inventa ou desenvolve um estilo de discurso totalmente novo, seja fazendo o uso de provérbio convencionais, rompendo com suas premissas fundamentais, ou comentando uma verdade geralmente aceita, como a criação do mundo (cf. 3,11).[82]

Torna-se claro, portanto que as diferentes estruturas de linguagem presentes na obra correspondem a diferentes estruturas de pensamento de seu autor - uma vez que o pensamento depende da linguagem - as diferentes estruturas de linguagem (narração, parábola, provérbios, poesia, paralelismos, quiasmos,

---

[80] VERAS, Lilia. *Um primeiro contato com o livro do Eclesiastes ou o livro Coélet*, In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 52 – 2005/3. Petrópolis. Editora Vozes. 2005. p. 123

[81] ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 163.

[82] ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 161.

comparações, metáforas, pleonasmos e repetições)[83] presentes no livro do Eclesiastes mostram suas diferentes estruturas de pensamento.[84]

Qohélet trata de diversos assuntos em uma só perícope, muitas vezes um mesmo assunto se repete em unidades não lineares. Algumas vezes ele passa de um assunto a outro de maneira gradual praticamente imperceptível, um tema e suas conclusões se encaminham para o início de uma nova reflexão, mensagens muito diversas se sobrepõe, e outras vezes parece que um assunto é interrompido para dar início a um outro pensamento.

Pode-se concluir desses "retalhos" um autor de com sensibilidade para apreender a realidade caótica na qual estava imergido[85] capaz de expressar, sob as mais diversas formas literárias essa realidade. Exatamente o que demonstra a conciliação estética entre o saber sensível e saber conceitual.

Essa característica *sui generis* da obra de Eclesiastes faz do autor um poeta, a partir do olhar de Benedito Nunes que é aquele que "desponta o filósofo e no filósofo remanesce o poeta."[86]

A partir do olhar estético da poesia, da prosa, suas relações com o pensamento sensível e conceitual – portanto estético – é que, no capítulo seguinte serão elencadas percepções e concepções poéticas para o livro de Eclesiastes, buscando justificar em sua estética literária a complexidade do seu texto, a não-linearidade dos assuntos, os retalhos conceituais, as quebras de paradigmas, o rompimento com qualquer homogeneidade literária a favor de um pensamento poético heterogêneo em sua própria natureza.

---

[83] VERAS, Lilia. *Um primeiro contato com o livro do Eclesiastes ou o livro Coélet*, In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 52 – 2005/3. Petrópolis. Editora Vozes. 2005. p. 122.
[84] FERNANDES, Vladimir. *Ernst Cassirer – Filosofia das Formas Simbólicas*. Dissertação de Mestrado em Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Mário Ariel Gonzáles Porta. PUC-São Paulo. 2000.
[85] "Qohelet escreve seu texto nos tempos iniciais da dominação de Judá pelos helenistas. Tempo em que Judá experimenta uma das mais terríveis crises de sua história (...) uma nova cultura se impunha ao povo dominado – cultura que anulava a sabedoria dos sábios e transformava a identidade dos entendidos (...) Qohelet faz sua filosofia/teologia em um tempo que decretara o fim das metanarrativas tradicionais israelitas. Não mais Israel, e sim Yehud (província do império Persa), (…). Não mais justice e solidariedade, a vida passa a ser vivida sob o signo da opressão de governantes déspotas e da corrupção de elites locais sedentas por poder". (ZABATIERO, Júlio. *Viver à sombra da morte*. In: Bíblia e Outros Ensaios - Revista Theologando n.4. São Paulo. Fonte Editorial. 2011. p.12).
[86] NUNES, Benedito. Hermenêutica e Poesia. O pensamento poético. Org. Maria José dos Campos. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1ª reimpressão. 2007. P. 17.

2.1.1 PROSA E POESIA EM ECLESIASTES

A partir de Benedito Nunes e outros autores como Fernando Paixão (escritor e professor de Literatura no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo), procurarei esclarecer que toda a variedade literária, sua não-linearidade, os retalhos literários da obra de Eclesiastes provém de uma raíz de pensamento poético-prosaico, fazendo da obra uma peça de compreensão estética vinda da poesia.

Desde o nascimento da filosofia como disciplina, ela nunca foi indiferente à poesia, a escolástica atribuiu à poesia um espaço filosófico enquanto modo figurativo de tratar sobre teologia e abordar as coisas divinas.[87]

Vimos já aqui nesta pesquisa que após Kant (vindo de Baumgarten e concluindo-se em Hegel), a filosofia moderna fez prosperar o interesse filosófico pela arte e poesia, e o interesse cognoscitivo pela poesia como meio de conhecimento aprofundou (especialmente em Cassirer) quando o Romantismo já fazia naturalmente associação entre o poético e filosófico.[88]

Ir da poética à filosofia poderia descrever o movimento de certos homens que são poetas na direção da filosofia. Ir da filosofia à poética pode descrever o movimento de outros homens que são filósofos na direção da poesia. O primeiro caso pode ser exemplificado pelo autor Fernando Pessoa. O segundo por Nietzche, Michel Foucault, Paul Ricoeur ou Merleau-Ponty[89].

Desse ponto de vista citado acima, os poetas não deixam de ser poetas indo à filosofia, nem os filósofos precisam abandonar a filosofia para serem poetas. Entre as duas, diz Nunes, não haveria conversão mútua: nem a filosofia transforma-se em poesia, nem a poesia transforma-se em filosofia; logo poesia e filosofia não são unidades fixas separadas, mas relacionam-se uma à outra.

No filósofo desponta o poeta, e no poeta desponta-se o filósofo, logo concebe-se que o poeta se deleita com as contradições que afligem o filósofo, e as abstrações filosóficas são corrigidas pelo ato poético.

---

[87] NUNES, Benedito. P.13
[88] NUNES, Benedito. P.13
[89] A *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty reúne o artístico e o filosófico numa descrição da experiência perceptive, como vemos nos seus ensaios.

Em Heidegger o intercurso dialogal da filosofia não se dá com a ciência, mas com a poesia. Em sua obra: *O Que Significa Pensar*, ele diz que o pensar (*Denken*) se converteria numa lembrança (Andenken), essa lembrança aflora no poetar - ou poesia -, e aponta para aquilo que o pensamento deve visar.[90]

Pode-se fazer uma relação ao texto de Eclesiastes sobre esse pensar que vira uma lembrança, e que, por sua vez aflora através da poesia: essa sequência pode ser percebida em toda obra do Qohélet, uma vez que, o ato mesmo de escrever é um exercício de lembrança: “Tenho visto todas as obras que se fazem debaixo do sol; eis que tudo é vaidade e desejo vão (Eclesiastes 1,14).

Na *Poética* de Aristóteles - voltando um pouco - a valorização do prazer da poesia (que indica a *Poíesis*, a transposição do real) pode sobrevir da contemplação das imagens daquelas coisas que são penosas à vista, duras, difíceis, trágicas. Olhá-las é aprender a conhecer. E a conhecer não apenas o singular, mas o possível, que Aristóteles focalizou principalmente no que toca à tragédia, afirmando ser a “poesia mais filosófica do que a história” na medida em que a poesia nos diz aquilo que pode acontecer segundo a visão e percepção estética humana.[91]

Observar a realidade penosa do mundo e transcrevê-la em linguagem poética é o que se pode perceber no autor de Eclesiastes em alguns trechos como:

> E disse comigo mesmo: A minha sorte será a mesma que a do insensato. Então para que me serve toda a minha sabedoria? Por isso disse eu comigo mesmo, que tudo isso é ainda vaidade. Porque a memória do sábio não é mais eterna que a do insensato, pois que, passados alguns dias, ambos serão esquecidos. Mas então? Tanto morre o sábio como morre o estulto! E eu detestei a vida, porque, a meus olhos, tudo é mau no que se passa debaixo do sol, tudo é vaidade e vento que passa. (2,15-17)

A variedade de assuntos “sobre a vida” que Qohélet se propõe a ensinar pode ser compreendida pela sua característica principal de estar relacionada com as qualidades da prosa; por isso mesmo, apresenta uma tendência voltada para acolher textos maiores – narrativos ou não –, mesmo que procure fixar um olhar

---

[90] KAHLMEYER-MERTENS, R. S. *O que significa pensar? Fragmento da preleção homônima de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro. Revista Litteris. nº 11. 2013. 9 p.
[91] GAZONI, Fernando Maciel. *A Poética de Aristóteles: tradução e comentários*. Tese de Mestrado Filosofia USP. 2006

lírico sobre a realidade. As frases e parágrafos acabam por supor uma dinâmica extensiva para o texto e as imagens evocadas.[92]

A dinâmica extensiva do texto de Eclesiastes, as imagens que ele evoca no decorrer de sua obra e seu olhar lírico[93] sobre a realidade formam a característica principal de sua literatura *sui generis*: um texto poético, cheio de prosa e reflexões, aparentemente desconexo e inteiramente complexo.

É preciso elucidar mais sobre o conceito de prosa e poesia, e como elas se relacionam na compreensão de um todo estético, para isso serão utilizadas menções conceituais sobre prosa e poesia através de alguns autores, com a finalidade de lançar luz sobre o texto de Eclesiastes no sentido de compreendê-lo como poético, estético, sensorial e conceitual.

Linguagem Poética pode ser algo desconexo, mostrando a realidade diferente dos padrões considerados normais; pode não seguir uma linha lógica de pensamento. Ela conta com recursos que podem revogar ou transformar a realidade. É na escrita que essa linguagem encontra grande evidência, especialmente na poesia. Porém sabe-se que a Linguagem Poética não se retém apenas no verso e na prosa, mas pode estar presente em diversas outras áreas da vida, sendo que a criatividade – capacidade imaginativa e de reflexão - é um dos principais propulsores da Linguagem Poética.[94]

A linguagem comum é conhecida por não conter conotações expressivas, que não causam emoções, devaneios, arrebatamentos, tendo mais compromisso com a realidade objetiva e absoluta. Já a linguagem poética além de não ter esse compromisso assinado com o que é objetivo – e também absoluto – contém conotações expressivas, causa mais emoção, arremata para si um conjunto maior de emoções que possibilitam maior poder de provocar, despertar, enaltecer os sentimentos mais interiores.[95]

Esse é o potencial estético que o livro de Eclesiastes apresenta para seu leitor: uma linguagem poética que significa os sentimentos do autor e convida o leitor

---

[92] PAIXAO, Fernando. *Poema em prosa: Problemática (in)definição.* Rio de Janeiro Revista Brasileira. Fase VIII. Ano II. Nº 75. 2013. p. 152.
[93] Lírico: adj. Sentimental; repleto de sentimento. Que se destaca pelo excesso de sentimentalismo. P.ext. Diz-se do poema em que o autor revela suas emoções. (Dicionário Online de Português)
[94] MOLINA, Ludimar; ARAÚJO, Maitê dos Santos; FERNANDES, Rosemeire e DOS SANTOS Vânia Aparecida. *A Linguagem Poética: Nem Só De Poema Vive A Linguagem Poética.* REVELA. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV. No IX. 2010. p. 3.
[95] Ibid, p. 4

a sentir com ele, pensar com ele, raciocinar com ele, viver com ele e perceber com ele o caos, a ordem, o vazio, o sentido.

Sobre essa força incomum que as palavras adquirem na leitura, na recepção de uma literatura poética, Fernando Paixão diz:

> Na leitura de algum poeta, ou escutando letras de música, vivemos momentos em que as palavras adquirem uma força incomum [...] um lado escondido poucas vezes visitado pelo nosso pensamento. (...) A sensação provocada pelo contato com a natureza, uma situação cotidiana, ou o convívio de alguém, tem um sabor diferente para cada um de nós e, se fossemos escrever sobre isso, nunca dois indivíduos usariam as mesmas palavras.[96]

O poeta é esse que se envolve por sentimentos, que concebe imagens em meio a esses sentimentos. Imagens às vezes até aparentemente alucinatórias. No momento da escrita, mais importa ao poeta que esteja conseguindo transmitir aquilo que está sentindo, que a simples veracidade dos fatos. Importa que ele mostre seu confronto com a vida, que ele transmita essa visão de mundo que está sendo contemplada em seu interior subjetivo.[97]

A variedade de gêneros literários presentes em Eclesiastes[98] mostra que não se pode categorizar o livro em um só formato, ou estilo[99]. Ela concede ao livro uma categoria mais ampla de observação literária que é a prosa poética, que

> se apresenta nas mais diversas manifestações do gênero narrativo, ou seja, do romance à crônica que, num todo ou em partes, vem permeada por uma linguagem mais elaborada, de forma que os cenários, personagens e enredo, amalgamados, formam um mosaico lírico.[100]

Mesmo que em Eclesiastes seja encontrado elementos próprios de um poema (3,1-8), na sua prosa poética não existe a preocupação com o emprego de

---

[96] PAIXÃO, Fernando. *Coleção 1o Passos - 63: O que é Poesia*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-8

[97] MOLINA, Ludimar; ARAÚJO, Maitê dos Santos; FERNANDES, Rosemeire e DOS SANTOS Vânia Aparecida. *A Linguagem Poética: Nem Só De Poema Vive A Linguagem Poética.* REVELA. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV. No IX. 2010. p. 3.

[98] VERAS, Lilia. *Um primeiro contato com o livro do Eclesiastes ou o livro Coélet*, In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 52 – 2005/3. Petrópolis. Editora Vozes. 2005. p. 123.

[99] Através do estudo de Víctor Morla Asensio: *Livros Sapienciais e Outros Escritos*, sabe-se que a característica essencial do gênero literário de Eclesiastes aproxima-se do chamado testamento real: uma forma auto-biográfica de transmitir sua própria visao do mundo e das coisas como legado intellectual. Mesmo assim é provável – no sentido que se pode provar - que esse "testament real" foi escrito de maneira poética, prosaica, estética, estilizada, de uma maneira não vista antes, recriando sua própria sintaxe.

[100] ROLON, Renata Beatriz. *A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias. Dissertação de Mestrado.* Instituto de linguagem UFMT. Cuiabá. 2006. p. 10

elementos estruturais e formais, seja visual, seja sonoro, geralmente buscado nos poemas.

O poeta, conforme definição de Aristóteles em *Arte Poética*[101] tem um mundo subjetivo particular que é trazido à tona, imageticamente, por meio das palavras. Essa sua autonomia discursiva dá a ele a possibilidade de construir e remodelar o mundo.

Eclesiastes estava, antes de mais nada, escrevendo de maneira poética para erguer um mundo conceitual mais baseado em sua intuição e percepção da vida, buscando desfavorecer os conceitos teológicos atuantes em seu tempo que não condiziam com a realidade observada.

O autor estava tentando se conciliar, realizar e harmonizar com a própria humanidade e o universo uma vez que poesia tem essa definição: "instrumento de realização existencial do próprio poeta, que através dela se organiza, se afirma e se harmoniza com o resto da humanidade e com o universo"[102] e ainda citando o mesmo autor – Mário Faustino – "a poesia age sobre o leitor ou ouvinte, individualmente considerando, ensinando-o" (p. 40).

Isto posto, percebe-se que o meio literário utilizado pelo Qohélet – a prosa poética – ganha um enorme poder de convencimento, influência, para um autor que inicialmente se propõe a ensinar a uma assembleia.[103]

Eclesiastes mais se encaixa com a visão de um poeta,

> aquele homem que, capaz de receber os fenômenos naturais e sociais de modo especialmente sintéticos, e também capaz de exprimir em palavras organicamente relacionadas, essa visão totalizadora de um mundo e de uma época.[104]

Logo no início do texto de Eclesiastes se vê uma clara tendência à observação da terra, da natureza e seus movimentos como forma de compreensão e significação da realidade.

Nos trechos 1,5-7 o autor fala do sol, do vento, dos rios, do mar. Também em outros trechos como 4,1, fala do comportamento dos homens, as relações de

---

[101] ARISTÓTELES. *Arte poética*. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural. 1991. (Os Pensadores vol. 2).
[102] FAUSTINO, Mário. *Poesia – Experiência*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977. p. 40
[103] ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 157.
[104] FAUSTINO, Mário. *Poesia – Experiência*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977. p. 44

poder e opressão. Conforme Faustino (p. 45), “o poeta ama a natureza e ama o homem e é através desse amor que ele os percebe para neles poder encontrar sua própria verdade. Não se trata, contudo, de um falaz amor geral e distante que exclui o julgamento, a condenação, a luta: o poeta critica o universo e a sociedade e, por isso mesmo, que os ama, procura agir sobre eles, experimentado-os para melhorá-los.

O poeta – continua – “tem que ser ao mesmo tempo profeta, filósofo, cientista, juiz, líder. E não há como fazer isso sem desenvolver um sistema de vida, uma ética paralela à estética pessoal que todo poeta desenvolve à medida em que constrói sua poesia”.

As questões de poesia – estética – transitam com facilidade para o campo ético e as questões éticas também perspassam as questões estéticas, uma vez que a poesia tem um papel na sociedade de lavrar bem esse terreno conceitual ético-estético, a fim de não prejudicar essa mesma sociedade em seu empreendimento[105].

As temáticas de Eclesiastes ora vão do todo harmônico para as partes (ordem das coisas criadas em sua harmonia com a natureza – ainda que estas sejam “vaidade”) como em 1,5-7; ora vão das partes para o todo (a atitude individual do tolo que cruza as mãos e come a própria carne, o faz chegar à concussão que é melhor um punhado com tranquilidade, que as mãos cheias de trabalhos e vãos desejos) em 4,5-6.

Essa relação entre perceber o todo e as partes confirma ainda mais a visão de que o Qohélet tem aguçada percepção poética, uma vez que esta se define como a

> capacidade de ver cada objeto como parte de um todo harmônico, vivendo em função desse todo (...) O poeta vê o universo ao mesmo tempo em toda sua estrutura exterior e interior, o todo não prejudicando a parte, a parte não prejudicando a soma. O poeta vê também que a soma das partes não é igual ao todo. Há qualquer coisa na própria totalidade que, sem vir propriamente das partes, explica todo em partes.[106]

Essa é um dos aspectos principais da percepção poética em relação à filosofia estética: a capacidade de perceber imediatamente, em conjunto, em

[105] FAUSTINO, Mário. *Poesia – Experiência*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977. p. 47
[106] FAUSTINO, 1977. p. 44

conflitos, que se completam, o todo e suas partes, a um tempo dependente e independentemente.

Nos conflitos percebidos e retratados pelo autor de Eclesiastes (justiça, injustiça, poder, opressão, maldade, bondade, sabedoria, tolice, entre outros) ele descreve o todo nas partes (natureza em seu ciclo, a contínua existência do do mundo apesar da constante troca de gerações - 1,4-8) e, mesmo sem chegar a uma conclusão absolutista, ele se enxerga no todo concluindo que o que completa e dá ordem, dá significado a esse caos é soberania de deus, dom de deus, ou o sentido, ainda que não imediatamente percebido ainda está na "mão de deus" (2,24), sendo o "temor ao senhor" algo que trará sentido no vazio, ordem ao caos, significado à efemeridade.

À sua forma *sui generis* de apresentar seu conteúdo, pode-se ainda inferir que no poeta está presente o processo criador da própria linguagem que, ao perceber um objeto percebe um sutil ritmo próprio de cada coisa, ritma que nasce do fato de todas as coisas estarem fluindo (FAUSTINO, p. 52).

Eclesiastes é esse poeta que "como ninguém é capaz de perceber a mutabilidade *(ou imutabilidade)*[107] das coisas, participando talvez mais que os demais homens do sentimento trágico da vida" (p. 55) . Eclesiastes é o poeta "capaz de raciocinar em projeção, isto é, dando-se sempre conta do ritmo de transformação das situações atuais em situações futuras (p. 55).

Eclesiastes é esse poeta que "deve formar sua própria ética no entrechoque de sua luta contra o universo, experimentando[108] e criticando o que lhe foi transmitido. Formada essa ética, paralelamente à formação de sua própria arte poética, torna-se o poeta capaz de oferecer (...) uma experiência sob muitos aspectos original, que contribuirá, em maior ou menor grau, para a transformação do mundo – um dos principais deveres de qualquer artista". (p. 57).

Toda obra de arte, especialmente na literatura (prosa e poesia) faz com que as relações entre o bem e o belo componham uma base de filosofia estética que encerra, em si, uma ética tanto quanto uma estética[109].

---

[107] Inserção minha nesse parêntese para frisar que a mutabilidade das coisas percebidas por Qohélet é, na verdade, imutabilidade, o vazio, a sequência sem sentido nessa vida pendular e efêmera.
[108] "Apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a ciência, a loucura e a estultícia". Eclesiastes 1,17.
[109] FAUSTINO, Mário. *Poesia – Experiência*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977. p. 47

Antes de passar ao próximo tópico, onde serão elencados elementos estéticos no discurso de Eclesiastes faz-se necessário citar um adendo apenas, sem aprofundar demais a questão – que não faz parte do escopo desse trabalho - sobre a relação entre prosa e poesia, que seria uma resposta à pergunta: o que difere a prosa da poesia?

Esta pesquisa nomeia a obra do Qohelet como a de um poeta, categorizando o texto ora de prosa poética, ora de poesia, ora de literatura poética. Qual seria a diferença – ou relação – entre esses termos?

Prosa e poesia se distinguem automaticamente, porém tal distinção ocorre apenas no campo formal – na estrutura. Já no nível material e essencial encontraremos sempre o prosaico na poesia e o poético na prosa. Prosaico é abrangente, é o arranjo de palavras em padrões que analisam, descrevem, ilustram, glosam, narram ou comentam o objeto. É o próprio discurso sobre o objeto, o ser, a coisa ou a ideia[110]. Portanto o termo “poético” ou “prosaico” ganham uma mesma dimensão estética em sua essência, mudando apenas na forma: a primeira mais estruturada e rítmica, a segunda mais orgânica e flexível. Prosa tem poesia, poesia é prosa.

Resolvendo que o discurso de Eclesiastes é, a partir dos conceitos analisados, uma “prosa poética”, no próximo tópico serão elencados elementos estéticos presentes no discurso do Qohelet, oferecendo-nos uma percepção prática, orgânica e complexa dos conceitos tratados.

2.2 CONCEITOS ESTÉTICOS NO DISCURSO DE ECLESIASTES

Na primeira parte deste capítulo 2 (que se propõe a levantar os elementos estéticos presentes na obra de Eclesiastes) é abordado a estética na linguagem da obra onde a forma literária final (ou as formas literárias finais) são analisadas para contribuir com a compreensão estética do que o autor quer dizer em alguns de seus trechos e argumentações.

Essa análise da forma é importante para compreender que a estética está presente não apenas nos conceitos que ganham voz através do Qohelet, mas na

[110] FAUSTINO, 1977. p. 47

sua forma, na sua apresentação, na disposição de palavras, nos rompimentos de lógica em seu texto.

Tal qual um prato apresentado em um restaurante de sofisticada gastronomia, a refeição tem valor não apenas por seu sabor, mas em sua apresentação, em como estão dispostos os ingredientes no prato, os detalhes, a ornamentação.

Essa segunda parte tratará agora do "sabor" da obra, ou seja, aquilo que, para além da forma, fala, discursa, propõe. Aquilo que está ora nas entrelinhas, ora completamente exposto; aquilo que agora será abordado não mais como "peça literária" cabível de uma análise textual, mas como discurso em seu conceito mais amplo:

> [Discurso é] a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.[111]

A análise de conceitos filosóficos no texto de Eclesiastes estará aportada teoricamente na Análise de Discurso que tratará não da língua e da gramática - apesar de que essas coisas lhe interessem – mas do discurso, da palavra em movimento, a prática da linguagem em que será analisado o homem que fala,

> a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.[112]

Para Pêcheux, todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Essas formações designam os lugares "que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro[113]". As relações imaginárias podem ser idealizadas como o modo pelo qual a posição do autor do livro intervém nas condições de sua produção.

---

[111] ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001. p. 15

[112] ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli - *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. – Pontes – 8 Ed. - 2009 - p. 15

[113] PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 173.

Num processo discursivo, o emissor – O Pregador, como o autor se nomeia em Eclesiastes - supõe uma antecipação das representações do indivíduo, sobre a qual se funda a estratégia do discurso. Essa antecipação sempre é atravessada por constituintes das formações imaginárias. Assim, os sujeitos representados através do livro são concebidos na ilusão de que são a fonte do sentido (primeiro esquecimento) e de que têm domínio do que dizem (segundo esquecimento)[114].

> Os sentidos estão vinculados com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras e variam conforme as estratégias de funcionamento dos discursos, a posição do sujeito que fala e do que lê, o meio de realização do texto e as relações de poder ali inseridas. "O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito.[115]

O livro de Eclesiastes é apresentado por um sujeito, um pregador que fala à sua plateia. Serão buscados sentidos filosóficos nos texto não tomando como base a simples análise de conteúdo. Mais do que responder "o que significa o texto" de Eclesiastes, será buscado responder "como esse texto significa". A Análise de Discurso contribuirá considerando que a linguagem não é transparente, não procura atravessar o texto para encontrar sentido do outro lado, mas relacionar a linguagem à sua exterioridade.

> Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.[116]

Faz-se necessário, contudo, esclarecer que, como esta não é uma pesquisa específica sobre a Análise Discurso de Eclesiastes, não aprofundaremos a compreensão discursiva de todo o texto de Eclesiastes, buscando seus contextos, interdiscursos, transdiscursividades, atos de fala, e todos os outros conceitos da

---

[114] PÊCHEUX, 1988, p. 173.
[115] ORLANDI, 2001, p. 47
[116] ORLANDI, Eni P. - *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. – Pontes – 8 Ed. - 2009 - p.16

Análise de Discurso. Esta não é uma pesquisa estritamente hermenêutica nesse sentido.

A Análise de Discurso está presente aqui como ferramenta para encontrar no texto a voz do autor, suas intenções, aquilo que ele mostra e aquilo que ele quer esconder, o que o texto deixa transparecer, e buscar trazer à tona essa transparência aquilo que a obra possui de conceitos estéticos abordados até então.

Tendo-se feito essa introdução à como propõe-se aproximar aos conceitos estéticos de Eclesiastes, faz-se necessário também esclarecer como será feito esse levantamento:

Por uma questão didática e sistemática – sabendo que pode-se seguir por diversas lógicas e etapas de leitura e interpretação - primeiramente será citado o conceito estético, e logo em seguida apresentado na obra do Qohelet algum trecho onde esse conceito pode estar presente – dentro do recorte metodológico proposto para esta pesquisa (do capítulo 1,1 até 5,19); desta maneira escolhe-se dar um primeiro destaque ao conceito estético para então ler a obra de Eclesiastes a partir deste conceito e, então, comentar os pontos de contato que fazem jus às proposições estéticas.

A) Filosofia Estética é conciliar conhecimento sensível e conceitual.

Foi Baumgarten quem introduziu essa ideia de que "os sentidos – e os conhecimentos que dele derivam – permitem imaginar uma gnosiologia inferior. Não duvido que possa existir uma ciência do conhecimento sensível (…) intermediária entre a sensação pura, obscura e confusa e o puro intelecto, claro e distinto[117]."

Precisa-se então compreender essa afirmação: ele diz que acredita existir uma ciência do conhecimento sensível que está entre a sensação pura e o intelecto puro. Um conhecimento que abrange tanto a experimentação pura da realidade com toda sua percepção sensorial, como a análise pura dessa realidade, com toda reflexão racional, lógica e filosófica.

Baumgarten continua, na mesma obra, dizendo que esse conhecimento conciliado "não é nem algo existente na própria coisa, nem pura criação do ser humano: é o resultado de uma síntese particular, harmonia entre Coisa e Pensamento" (p.120). Isso significa que o conhecimento de algo não está

[117] BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética. A lógica da arte e do poema*. Tradução de Míriam Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 120.

exatamente no objeto que se apreende, nem totalmente na mente que compreende. Conhecer algo é fazer uma síntese particular, subjetiva, do que você apreende com o que você compreende. É uma harmonia entre o objeto e o seu conceito.

O conceito sensível, percebido, apreendido é particular, como objeto de sensibilidade. Esse mesmo conceito sensível pode ser geral como objeto de entendimento, de reflexão e explicação.

Essa relação entre saber sensível e saber conceitual é clara e explicitamente encontrada no capítulo 2 de Eclesiastes, nos trechos de 2,1-11, como segue:

> Eu disse comigo mesmo: Vamos, tentemos a alegria e gozemos o prazer. Mas isso é também vaidade. Do riso eu disse: Loucura! e da alegria: Para que serve? Resolvi entregar minha carne ao vinho, enquanto meu espírito se aplicaria ainda à sabedoria; procurar a loucura até que eu visse o que é bom para os filhos dos homens fazerem durante toda a sua vida debaixo dos céus. Empreendi grandes trabalhos, construí para mim casas e plantei vinhas; fiz jardins e pomares, onde plantei árvores frutíferas de toda espécie; cavei reservatórios de água para regar o bosque. Comprei escravos e escravas; e possuí outros nascidos em casa. Possuí muito gado, bois e ovelhas, mais que todos os que me precederam em Jerusalém. Amontoei prata e ouro, riquezas de reis e de províncias. Procurei cantores e cantoras, e que faz as delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres. Fui maior que todos os que me precederam em Jerusalém; e, ainda assim, minha sabedoria permaneceu comigo. Tudo que meus olhos desejaram, não lhes recusei; não privei meu coração de nenhuma alegria. Meu coração encontrava sua alegria no meu trabalho; este é o fruto que dele tirei. Mas, quando me pus a considerar todas as obras de minhas mãos e o trabalho ao qual me tinha dado para fazê-las, eis: tudo é vaidade e vento que passa; não há nada de proveitoso debaixo do sol. (2,1-11).

“Tentar a alegria e gozar o prazer” é uma entrega sensorial completa à percepção, mas o autor do livro manteve se espírito aplicado à sabedoria, à compreensão, à análise, mesmo em face à sua entrega à carne e ao vinho – prazeres, sensações, percepções da sensibilidade humana.

“Procurar as delícias dos filhos dos homens” é uma declaração autêntica dessa entrega sensorial. Mais que mero hedonismo e entrega aos prazeres sem qualquer reflexão sobre seus atos, o autor diz que fez tudo isso na condição de considerar todas as obras das suas mãos, todos os seus feitos, refletir sobre tudo que sentia, percebia, apreendia através de sua sensibilidade estética.

No entanto, ao final dessa jornada que ele descreve toda sua incursão na percepção sensorial, não faltou-lhe o intelecto que Baumgarten menciona, o conhecimento conceitual porque, ao final desse trecho, ele chega à sua conclusão

de que “não há nada de proveitoso debaixo do sol”, ele chega a um consenso geral sobre o que experimentou.

Seu conhecimento estético não foi pura fruição sensorial dos prazeres, não foi a sensação pura e obscura citada por Baumgarten, mas também resultado da reflexão intelectual.

B) Filosofia Estética é a ciência da sensibilidade e comunicação sensorial.

Também em Baumgarten vemos que a Estética não é simplesmente a ciência do Belo, como se costuma pensar, mas sim a ciência da sensibilidade e da comunicação sensorial. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade.[118]

Rubem Alves, em seu livro *Filosofia da Ciência* diz que “pessoas que sabem as soluções já dadas são mendigos permanentes. Pessoas que aprendem a inventar soluções novas são aquelas que abrem portas até então fechadas e descobrem novas trilhas. A questão não é saber uma solução já dada, mas ser capaz de aprender maneiras novas de sobreviver.” (p. 15).

Essa reflexão que Rubem Alves faz sobre a ciência nos oferece um horizonte sobre o qual tiraremos conclusões sobre a ideia de ciência em “ciência da sensibilidade”.

Ciência da sensibilidade, portanto, é o uso da sensibilidade para confrontar as soluções já dadas, é ter uma percepção mais coerente dos conceitos aprendidos relacionados à realidade vivida.

É isso que faz Eclesiastes quando critica muitas estruturas de pensamento sapiencial comumente aceitos. Nele confluem-se correntes de pensamento de tradição sapiencial judaica e a antiga sabedoria internacional mas, ao mesmo tempo, observa-se ruptura com essas correntes que permite, sem dúvidas, falar de uma crise das ideias entre os judeus e também às culturas vizinhas[119].

Um desses posicionamentos críticos está presente no seguinte trecho: “Coloquei todo o coração em investigar e em explorar com a sabedoria tudo o que

[118] BOAL, Augusto. 2009. p.31.
[119] ASENSIO, Víctor. *Livros sapienciais e outros escritos.* Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008. p. 162.

se faz debaixo do céu. É uma tarefa ingrata que Deus deu aos homens para com ela se atarefarem. (1,13).

Aqui ele trata do distanciamento e indiferença de deus. Eclesiastes quebra com a ideia de que deus está próximo também quando diz que "deus está no céu e tu sobre a terra" (5,2); quebra com a ideia que a prosperidade e sucesso na vida são alcançados por aquele que buscam o "temor ao senhor" e praticar atitudes sábias e justas.

Em provérbios e nos discursos dos amigos de Jó percebemos como a literatura sapiencial descrevia certezas de que a) existia "valor e êxito no esforço em buscar a sabedoria; b) possibilidade de conhecimento que assegure a existência; c) destino feliz e desenlace fatal do justo e do mau, respectivamente; fé em um deus retribuidor[120]".

A sensibilidade estética do Qohelet fez com que, ao sentir e examinar a realidade ele conclui que a) na muita sabedoria existe muito enfado (1,18) e não valor e êxito com se era comum acreditar; b) que ninguém sabe se o espírito dos filhos do homem[121] sobem e se o dos brutos descem (3,21), em oposição à certeza da eterna existência em deus; c) que é melhor um mancebo pobre e sábio que um rei velho e insensato (4,13), propondo que existe sábio que não prospera, justo que não vive bem, néscios e injustos que gozam dos prazeres da vida[122].

Todos esses conceitos acima mencionados nos permitem aproximação dos textos do Qohelet com essa premissa da filosofia estética: uma ciência, um saber que leva em conta a experimentação, observação da realidade, e não mera aceitação dos saberes tidos como verdadeiros e absolutos presentes em cada época e local.

Sobre "comunicação sensorial" o capítulo que trata da prosa poética de Eclesiastes explica como o autor de Eclesiastes utiliza-se da linguagem poética para expressar sensorialmente todas essas suas percepções da realidade.

C) Filosofia Estética é parte da teoria do conhecimento.

---

[120] Conf. ASENSIO, 2008. p. 164.
[121] Bene Adam
[122] Como esta pesquisa tem seu recorte entre 1,1 até 5,20, não citei outros textos que falam da dúvida do homem sobre deus (6,12), e que há justos que perecem na sua justiça e perverso que prolonga seus dias na perversidade (7,15).

Na *Crítica da Razão Pura* Kant desenvolve a estética e reivindica à ela parte da teoria do conhecimento que trata das formas puras da intuição chamando-a de conhecimento sensível.[123] Nesta mesma obra ele conceitua o que seria a Filosofia Transcendental: ciência elementar subjetiva, afirmando que o conhecimento é como:

> dois troncos do conhecimento humano, que talvez decorram de uma raiz comum, para nós desconhecida, a saber, a sensibilidade e o entendimento; por meio da primeira são nos dados objetos, por meio da segunda eles são pensados.[124]

Entende-se desta citação que o conhecimento é gerado a partir da sensibilidade, o contato com objetos e fenômenos nos é dado através das sensações. A partir da sensibilidade é que essas experiências são refletidas e pensadas conceitualmente.

Essa ideia pode oferecer uma melhor observação da obra de Eclesiastes quando ele se propõe a observar a natureza: o movimento do sol, os ventos, o ciclo dos rios e das marés (1,1-13). Esta primeira impressão observando a natureza é dada no campo do sensível. Quando ele converte essas sensações em seu pensamento a fim de tirar conclusões (v. 13-14) ele está desenvolvendo o conhecimento através do segundo tronco que Kant menciona: o conhecimento racional, aquele que transforma as sensações em conceitos.

Qohelét no decorrer de sua obra apresenta suas conclusões e se propõe a ensinar todo esse conhecimento adquirido através desta relação do sensível com o conceitual – sua forma de apreender e compreender a realidade vivida.

A sensibilidade, em Kant, é descrevida como "a capacidade de receber representações por meio do modo como somos afetados pelos objetos"[125]. O conceito não se confunde com a sensibilidade: "distinguimos a ciência das regras da sensibilidade em geral, isto é, a estética, da ciência das regras do entendimento, isto é, a lógica" [126]. Na sensibilidade nos são dados os

---

[123] "Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado e sem entendimento nenhum objeto seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceito são cegas" (KANT, 1983, vol. 3, p. 98).
[124] KANT, 1983, vol. 3, p. 66
[125] KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos. 5. ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 69.
[126] KANT, 2001, p. 98.

> "... objetos, e eles somente fornecem as intuições; ao contrário, por meio do entendimento eles são pensados, dele decorrem os conceitos" [127]. Por isso, a sensibilidade não é uma qualidade das coisas, ou melhor, da coisa em si, mas somente dos fenômenos [128].

Por um lado percebe-se em Eclesiastes toda a gama de apreensão sensíveis: Intuição, sentimento, sensação. Por outro lado o exercício conceitual: a reflexão, pensamento, raciocínio lógico. Esses dois lados se complementam em seus escritos. Objeto e sujeito estão em constante relação. Sensação e significação, observação e conclusão.

Fazendo essa leitura baseada na Filosofia Estética pode-se perceber melhor a aplicação que Kant faz em *Crítica da Razão Pura*, quando se refere ao estético como recepção do múltiplo dado na percepção (o sol, os ventos, os rios) e que necessita dos conceitos que lhe dêem uma direção (tudo é vaidade).

D) Filosofia Estética difere-se de Filosofia Transcendental

Ainda através da ótica de Kant, em *Crítica da Razão Pura*, nota-se uma diferenciação importante, especialmente em estudo de textos religiosos, que é a diferenciação entre Filosofia Estética e Filosofia Transcendental.

Na continuação de sua explanação sobre os dois troncos do conhecimento humano, que é a sensibilidade e o entendimento, ele complementa:

> Na medida em que a sensibilidade tivesse de conter *a priori* representações, que constituem a condição segundo a qual nos são dados objetos, ela pertenceria à filosofia transcendental. A doutrina transcendental dos sentidos teria de pertencer à primeira parte da ciência elementar, pois as condições sob as quais unicamente são dados os objetos do conhecimento humano, se passam neles, sob as quais eles são pensados.[129]

Nessa diferenciação entre o transcendental e o estético – é importante destacar – aquelas representações contidas *a priori*[130] na sensibilidade pertencem ao campo da Filosofia Transcendental.

Todas as representações que independem da experiência, que ocorrem antes da experiência em si são transcendentais, não exatamente estéticas.

---

[127] KANT2001. p. 69.
[128] KANT2001. p. 76.
[129] KANT, 1983, vol. 3, p. 66
[130] A Priori: expressão latina que significa "anterior à experiência". Aquilo que é logicamente anterior à experiência e dela independe. (JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 3ª Ed. 2001)

Isso é importante para evitar equívocos no que diz respeito à conceituação da estética e abrangência de seu campo de atuação e observação. Pode-se facilmente classificar a estética erroneamente como campo de simples subjetividades e pensamento transcendental, só podendo ser compreendida no individual e particular e não no coletivo e geral.

A experiência é a porta de entrada para a percepção estética e princípio de formatação do saber conceitual.

Em Eclesiastes 3,18-22 encontra-se o seguinte trecho:

> Quanto aos homens penso assim: Deus os põe à prova para mostrar-lhes que são animais. Pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade. Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó. Quem sabe se o alento do homem sobe para o alto e se o alento do animal desce para baixo, para a terra? Observo que não há felicidade para o homem a não ser alegrar-se com suas obras: essa é a sua porção; pois quem lhe mostrará o que vai acontecer depois dele? (3,18-22).

Aqui torna-se clara a quebra com o pensamento meramente transcendental: o que Eclesiastes faz é questionar o conceito de eternidade, da eterna existência em deus, uma vez que tira conclusões *a posteriori*, ou seja a partir de sua experiência.

Sua experiência e observações estão em que: tanto o homem como o animal vão para o pó da terra, que não dá para se saber com certeza se o espírito do homem sobe para o alto e o do animal desce para a terra, que é melhor o homem viver para alegrar-se de suas obras, pois não sabe o que vai acontecer depois dele.

E) A arte é uma necessidade universal de nos reconhecermos a nós próprios.

Hegel disse que “a arte responde a uma necessidade humana universal de elevar o mundo interno e externo até a consciência espiritual, como um objeto no qual nos reconhecemos a nós próprios.[131]

> a atividade humana organiza-se em torno de uma meta geral. A meta da atividade humana (isto é, da história humana) é conquistar seu próprio ambiente, é criar um mundo para nós próprios, no qual sejamos livres para ser livres. Isso significa remover (superar) a alienação de nosso ambiente

[131] HEGEL, G.W.F. *Aesthetics: Lectures on Fine Art*. Tradução T. M. Knox. The Claredon Press. Oxford. 1975. p. 31.

> social e natural, tornando-os conformes com nossas aspirações mais profundas. A meta é construir um mundo social no qual nossas aspirações mais profundas possam ter expressão.[132]

Essa citação pode ser aplicada em Eclesiastes: *"Apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a ciência, a loucura e a estultícia* (1,17). Em seguida, no capítulo 2, ele narra como foi essa busca: ele conquistou seu próprio ambiente quando se aplicou à sabedoria e à loucura, aos desejos e prazeres, ao trabalhos e posses. Nada privou a seu coração.

Tirando suas próprias conclusões sobre o significado da vidas que ele havia inferido, ele usa de sua liberdade para superar qualquer alienação,[133] ignorando qualquer norma de comportamento experimentou a vida, mas como pensador e professor manteve seu coração sob a influência da sabedoria (2,3).

Qohelet agiu mais como um antropólogo, que sabe mergulhar em seu objeto de estudo, mantendo um distanciamento para fazer suas reflexões[134]. Fazendo isso ele escreve não uma obra de pensamento transcendental, mas coloca sua observação empírica sobre a realidade e consequentes conclusões acima dos conceitos de verdade aceitos em sua época.

Para concluir a percepção da Filosofia Estética, em Hegel, do texto de Eclesiastes, na qual o autor trata das similaridades do homem com o animal (3,18-22) cabe a citação:

> "O homem é animal, mas mesmo em suas funções animais não permanece preso a um em-si como animal, pois toma consciência delas, as reconhece e as eleva à ciência autoconsciente. Por meio disso o homem soluciona o limite de sua imediatez de existente em-si de tal modo que pelo fator de *saber* que é animal, deixa de sê-lo e se dá o saber de si como espírito (...) então o verdadeiro elemento para a realidade desse conteúdo não é mais a

---

[132] HERWITZ, Daniel. *Estética: conceitos-chave em filosofia.* Tradução Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 90

[133] Estado do indivíduo que não mais se pertence, que não detém o controle de si mesmo ou que se vê privado de seus direitos fundamentais, passando a ser considerado uma coisa. Em Hegel, ação de se tornar outrem, seja se considerando como coisa, seja se tornando estrangeiro a si mesmo. (JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 3ª Ed. 2001).

[134] Sobre essa relação do Antropólogo conhecer seu objeto de estudo com distanciamento e ainda assim análise cita-se: "A tomada em consideração da variedade cultural me leva a perceber que pertenço a uma cultura entre muitas outras, mas o meu olhar atém-se à observação da realidade empírica". LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. Tradução: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo. Brasiliense, 2000, p. 193.

> existência sensível e imediata do espírito, a forma humana corporal, mas a *interioridade autoconsciente*.[135]

O homem sabe-se ser animal, finito. É uma autoconsciência que não precisa ser explicada em termos transcendentais, pois, conforme Kant, não é um saber *a priori,* mas pensada *a posteriori*. Sabendo disso o homem, além da angústia, vive a busca por algo além do material, logo produz arte, religião.

Essa é a estética de Eclesiastes: o saber sensível e conceitual que busca compreender-se empiricamente, analiticamente, compreendendo e até produzindo sentidos para essa vida finita.

F) Experiência religiosa é análoga à experiência artística.

Ainda em Hegel, que é o terceiro autor do qual estamos abordando a visão estética desta pesquisa, é possível ter uma compreensão mais ampla do fenômeno religioso, da experiência religiosa, quando se pode compará-la à experiência da arte.

Em seu livro, Cursos de Estética, Hegel esclarece que:

> No âmbito análogo da religião, com a qual a arte em seu mais alto grau está em conexão imediata, concebemos a mesma diferença no modo de que para nós, em primeiro lugar, por um lado se apresenta a vida terrena e natural em sua finitude; num segundo momento, a consciência transforma Deus em objeto, no qual desaparece a diferença entre objetividade e subjetividade; por fim, num terceiro momento, progredimos de Deus enquanto tal para a devoção da comunidade, para Deus enquanto ser vivo e presente na consciência. (p. 116).

A vida terrena e natural em sua finitude é o primeiro campo de apreensão do Eclesiastes: examinar as obras que se fazem debaixo do céu (1,14), examinar a terra e seus ciclos repetitivos (1,5-8), a finitude do homem e do animal (3,20), o trabalho que o homem empenha embaixo do sol (4,4), os infortúnios da vida até mesmo na riqueza (5,12-13).

Num segundo momento, como continua Hegel, a consciência transforma Deus em objeto[136], desaparecendo a diferença entre objetividade e subjetividade.

---

[135] HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética*. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo. EDUSP. 1999. p. 112

[136] Em um sentido genérico, uma coisa, a realidade material, externa, aquilo que se apreende pela percepção ou pelo pensamento. A noção de objeto se caracteriza por oposição ao sujeito, ou seja, designa tudo aquilo que constitui a base de uma experiência efetiva ou possível, tudo aquilo que pode ser pensado ou representado distintamente do próprio ato de pensar. Nesse sentido, o objeto se constitui sempre em uma relação com o sujeito, sendo um conceito tipicamente epistemológico.

Eclesiastes objetiva deus, o posiciona como o *status* de coisa, de algo que pode ser observado apreendido e pensado como em 2,24-26 e 3,14-15.

Já no terceiro momento dessa tríade conceitual de Hegel, esse deus-objeto agora é elevado para a consciência, é trazido à tona como algo vivo, presente, passivo de devoção da comunidade. É o que faz Eclesiastes no capítulo 4 inteiro e começo do capítulo 5:

Ele observa a vida em comunidade, uma vida com opressores e oprimidos (4,1), alta competição no trabalho (4,4), a solidão e o vazio do fruto de seu trabalho (4,8), o valor de uma boa companhia (4,9-12), a efemeridade da vida (4,16).

E quando chega às conclusões diz que mais vale ouvir palavras sábias e cuidar dos seus passos que ser um insensato oferecendo sacrifícios (4,17), que deus tem uma soberania uma vez que está no céu e o homem na terra (5,1), que o homem deve temer a deus (5,6).

Como diz Faustino:

> Toda obra de arte, especialmente na literatura (prosa e poesia) faz com que as relações entre o bem e o belo componham uma base de filosofia estética que encerra, em si, uma ética tanto quanto uma estética.[137]

A busca de Eclesiastes em compreender a vida não encerra em mera compreensão, mas em uma arte poética de aplicação prática, ética, coerente com a realidade: de que valem os sacrifícios, quando não existem palavras sábias (4,17)? De que adianta saber que deus está no céu (5,1) se não há quem console os oprimidos (4,1)?

Essas percepções estéticas que se refletem em questionamentos morais faz da obra do Eclesiastes não só um livro sapiencial, mas também com certo teor profético - sutil, claro – não dos que incitam diretamente à mudança de comportamento e ao ativismo, mas como o daquele poeta que, vendo a realidade, delata-a em prosa a quem estiver disposto a ler e a saber.

(JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 3ª Ed. 2001).

[137] FAUSTINO, Mário. *Poesia – Experiência*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977. p. 47

2.3 SÍNTESE CRÍTICA DOS CONCEITOS ESTÉTICOS NO DISCURSO DE ECLESIASTES

Com os tópicos acima puderam-se abranger todo o recorte proposto para esse estudo de elementos de Filosofia Estética presentes na obra de Eclesiastes (perícopes desde o capítulo 1 ao 5), elencando muitos dos textos do Qohelet, relacionando-os aos principais conceitos de Filosofia Estética em uma linha evolutiva desde Baumgarten, passando por Kant e Hegel.

Por ser um campo de estudo muito amplo, a Filosofia Estética não se encerra nesses três autores. Há um campo muito vasto de conceituação e aplicação de seus conceitos na obra de Eclesiastes. São muitos autores e muitos estudos, e para os propósitos aqui assumidos, essa delimitação de autores-chave e recorte metodológico do livro de Eclesiastes foram necessárias.

No entanto, foi possível perceber uma linha evolutiva da Filosofia Estética e sua importância no campo do conhecimento, onde o sensível e o conceitual são dois troncos de uma mesma raíz, os lados complementares da moeda da ciência e do saber.

Filosofia Estética não é apenas a ciência do Belo e das Artes, mas parte da teoria do conhecimento, possuindo em si uma amplitude tão vasta de conceitos e percepções que é impossível ser ignorada pelos estudiosos de qualquer que área que seja no estudo do ser humano como sociologia, antropologia, psicologia, ciências das religiões etc.

Sabendo que a obra de Eclesiastes possui muitos elementos passíveis de estudo através da estética, passa-se para a parte final desta pesquisa onde busca-se conclusões sobre a importância da percepção estética do fenômeno religioso (textos, obras, dogmas, crenças) nos tempos atuais.

CONCLUSÃO

A palavra “conclusão” carrega em si um sentido prepotente de se ter “finalizado algo”, terminado. Concluído. Para os parâmetros desta dissertação de mestrado profissional é o termo correto, mas para efeitos de reflexão sobre a proposta deste trabalho, esse capítulo bem que poderia se chamar “abertura”.

Toda essa pesquisa, todo o aparato bibliográfico, todas as leituras e compreensões, todas as anotações, sobre tudo que elaboramos aqui, percebemos que esse trabalho dá abertura para discussão, críticas, contribuições e novas percepções sobre como a Filosofia Estética – tão menosprezada pela academia – é de grande importância para a apreensão e compreensão do fenômeno religioso.

A Filosofia Estética não se fecha em um saber conceitual, mas propõe a expansão do conhecimento através da experiência, através da complexidade do saber que não se dá só de maneiras intelectuais e racionais, mas empíricas e sensitivas.

Eclesiastes é um transgressor de sua época: alguém com coragem de pensar, de analisar a realidade e de formatar conceitos coerentes com essa realidade, não aceitando o que se considerava como certo. Um livro que carrega tanto em sua prosa como em seus conceitos, grande parte do que hoje é conhecido como Filosofia Estética.

O que Eclesiastes convida a seus leitores é a pensar, refletir, questionar, experimentar a realidade, observá-la, usar o saber sensível e o saber conceitual para confrontar com os conceitos que se aceitam como verdadeiros. Isso vale para qualquer período da história, qualquer organização religiosa, qualquer crença, quaisquer costumes e dogmas.

A Filosofia Estética pode ser um mirante de observação da realidade nos dias atuais, mirante que leva em conta a experiência, o que se apreende com a sensibilidade e como se compreende essa realidade com a razão, a lógica, a coerência e a ética.

A formação de um conhecimento que leve em conta a sensibilidade e o pensamento pode e, a exemplo de Eclesiastes, deve estar presente na realidade religiosa.

É importante que a crítica à realidade alienante e hegemônica da religião possa abrir caminho à ciência, à ação, ao saber mais profundo e coerente, a conhecer não apenas conceitualmente, mas a experimentar novas formas, propor novas experiências, permitir maior liberdade de pensamento e de ação em busca de uma abertura para a moralidade, para a ética.

É clichê dizer que a realidade religiosa do Brasil é permeada de discursos dogmatizados, catequizantes, hegemônicos, cheios de tabus e preconcepções tidas como verdadeiras e absolutas.

A Filosofia Estética abre para a religião um caminho de conciliação com a ciência, uma abertura de diálogo para buscar uma ética que se sobreponha aos dogmas e práticas religiosas, que relativize aquilo que é tido como “sagrado” para se abrir – pela experiência estética, empírica, crítica e conceitual – à moral, ao bem, ao ser humano e à natureza.

Uma religião mais alinhada com a Filosofia Estética é uma religião que sabe-se ser como a arte: como no cinema ou no teatro permite emoções, lágrimas, risos, músicas, ritos, ordem e estrutura; mas sabe vivenciar isso no espaço a que ela pertence. Suas emoções e sentidos devem ser vivenciadas como algo sublime que – em toda sua expressão - possa levar o ser humano a conhecer-se mais, entender o outro, se abrir para a auteridade, para a ética, moral e justiça.

A arte é aquela que o homem se expressa para conhecer mais de si mesmo. Isso pode valer para a religião: uma vivencia estética cheia de sentidos e significados, mas que não seja vazia e exclusiva, mas inclusiva, aberta.

Eclesiastes abre caminho para perceber e valorizar aquilo que está imediatamente acessível aos nossos sentidos: o homem, a natureza, a morte, a injustiça, o caos, as relações humanas. Com isso propõe a seus leitores que atentem-se mais à realidade imanente do homem, que ao transcendente que não podemos conhecer.

Esperamos ter aberto um caminho do qual a Filosofia Estética possa ser mais discutida, comentada, compreendida e incluída não só nas ciências humanas como nas ciências – e experiências – da religião.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Arte poética. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural. 1991

ARISTÓTELES. Poética. Capítulo I ao XII. Ars Poetica Editora, 1981

ASENSIO, Víctor. Livros sapienciais e outros escritos. Tradução de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo. Editora Ave Maria. 2008

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. Estética. A lógica da arte e do poema. Tradução de Míriam Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução Brasileira. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011

BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2009

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática. 2012

COMTE-SPONVILLE, André. A filosofia. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2005

Dicionário On Line de Português (http://www.dicio.com.br/estulticia/, visitado em 28 de julho de 2014.

DUARTE, Rodrigo (org.). O belo autônomo. Textos clássicos de Estética. Belo Horizonte. Autêntica Editora. Crisálida. 2013

DUFRENNE, Mikel – Estética e Filosofia – 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

EAGLETON, Terry. A Ideologia da Estética. Trad. Mario Sá Rego Costa. Rio de Janeiro. Zahar. 1993

FAUSTINO, Mário. Poesia – Experiência. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1977

FERNANDES, Vladimir. Ernst Cassirer – Filosofia das Formas Simbólicas. Dissertação de Mestrado em Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Mário Ariel Gonzáles Porta. PUC-São Paulo. 2000

GAZONI, Fernando Maciel. A Poética de Aristóteles: tradução e comentários. Tese de Mestrado Filosofia USP. 2006

GOMES, Ronaldo. http://exegeseoriginal.blogspot.com.br/2012/05/biblia-de-jerusalem.html. Acesso em 03 mar 2014.

HEGEL, G.W.F. Aesthetics: Lectures on Fine Art. Tradução T. M. Knox. The Claredon Press. Oxford. 1975

HEGEL, G.W.F. Cursos de Estética. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo. EDUSP. 1999

HERWITZ, Daniel. Estética: conceitos-chave em filosofia. Tradução Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre. Artmed. 2010

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 3ª Ed. 2001

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Tradução Manuela Pinto dos Santos. 5. ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade de Juízo. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1993.

KANT, Immanuel. Antropologia, 1983

KAHLMEYER-MERTENS, R. S. O que significa pensar? Fragmento da preleção homônima de Martin Heidegger. Rio de Janeiro. Revista Litteris. nº 11. 2013

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. Tradução: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo. Brasiliense, 2000

MENEZES, Clélio. Hebel e Vaidade: Aproximações e distanciamentos. Belo Horizonte. 2007

MICALI, Danilo Luiz Carlos. O enteado, de Saer: uma percepção poética da Conquista Hispânica Americana. Niterói n.22. 2007

MOLINA, Ludimar; ARAÚJO, Maitê dos Santos; FERNANDES, Rosemeire e DOS SANTOS Vânia Aparecida. A Linguagem Poética: Nem Só De Poema Vive A Linguagem Poética. REVELA. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV. No IX. 2010

MORIN, Edgar. O Método I. A natureza da Natureza. Tradução de Ilana Heineberg. 2. ed. Porto Alegre. Sulina. 2008.

NUNES, Benedito. Hermenêutica e Poesia. O pensamento poético. Org. Maria José dos Campos. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1ª reimpressão. 2007

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001

PAIXÃO, Fernando. Poema em prosa: Problemática (in)definição. Rio de Janeiro Revista Brasileira. Fase VIII. Ano II. Nº 75. 2013. p. 152.

PAIXÃO, Fernando. Coleção 1o Passos - 63: O que é Poesia. São Paulo: Brasiliense, 1982

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 173.

PLOTINO. Sobre o Belo, Enéada I, 6. In: A alma, a beleza e a contemplação. São Paulo. Associação Palas Athena. 1981

ROLON, Renata Beatriz. A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias. Dissertação de Mestrado. Instituto de linguagem UFMT. Cuiabá. 2006

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem, tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo:Iluminuras, 2002

SCHÖPKE, Regina. Dicionário filosófico: conceitos fundamentais. São Paulo, Martins Fontes, 2010

SOETHE, J. R. Transdisciplinaridade e teoria da complexidade. In: SOUZA, I. M. L. E e FOLLMANN, J. I. (Org.) Transdisciplinaridade e Universidade. São Leopoldo: UNISINOS, 2003

TOLLE, Oliver. Luz Estética: A ciência do sensível de Baumgarten entre a arte e a iluminação. Tese Doutoral do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007

VERAS, Lilia. Um primeiro contato com o livro do Eclesiastes ou o livro Coélet, In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana n. 52 – 2005/3. Petrópolis. Editora Vozes. 2005

WERLE, Marco. O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica. doispontos, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2. 2005

ZABATIERO, Júlio. Viver à sombra da morte. In: Bíblia e Outros Ensaios - Revista Theologando n.4. São Paulo. Fonte Editorial. 2011